



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
SOBRE A UNIVERSIDADE

BIANCA CAROLINE SOUZA DE LIMA

**ESTÁGIOS NO CURSO DE PSICOLOGIA DA UFRB:
IMPLICAÇÕES POLÍTICAS, INSTITUCIONAIS,
CURRICULARES E FORMATIVAS PROFISSIONAIS**

Salvador
2019

BIANCA CAROLINE SOUZA DE LIMA

**ESTÁGIOS NO CURSO DE PSICOLOGIA DA UFRB:
IMPLICAÇÕES POLÍTICAS, INSTITUCIONAIS,
CURRICULARES E FORMATIVAS PROFISSIONAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos da Universidade Federal da Bahia para a obtenção do título de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Orientação: Prof. Dr. Cláudio Orlando Costa do Nascimento

Salvador

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Souza de Lima, Bianca Caroline
Estágios no curso de Psicologia: Implicações
políticas, institucionais, curriculares e formativas
profissionais / Bianca Caroline Souza de Lima. --
Salvador, 2019.
84 f.

Orientador: Claudio Orlando Costa do Nascimento.
Dissertação (Mestrado - Estudos Interdisciplinares
sobre a Universidade) -- Universidade Federal da
Bahia, Instituto de Artes, Humanidades e Ciências
Professor Milton Santos, 2019.

1. Estágio. 2. Currículo. 3. Formação profissional.
4. Construção identitária. 5. Psicologia. I. Costa do
Nascimento, Claudio Orlando. II. Título.

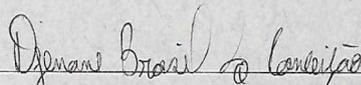
BIANCA CAROLINE SOUZA DE LIMA

**OS ESTÁGIOS NO ÂMBITO DA POLÍTICA, GESTÃO, CURRÍCULO E
CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PARA A
SOCIEDADE: UM ESTUDO SOBRE O CURSO DE PSICOLOGIA DA
UFRB**

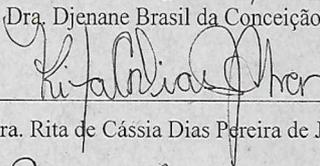
Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Aprovado em 29 de março de 2019.

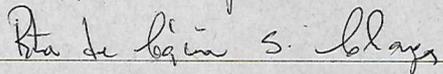
Banca examinadora



Profa. Dra. Djenane Brasil da Conceição (UFRB)



Profa. Dra. Rita de Cássia Dias Pereira de Jesus (UFRB)



Profa. Dra. Rita de Cácia Santos Chagas (UFRB)

“À minha filha Júlia que me impulsiona a ser uma pessoa melhor a cada dia”

“A meus amados pais Noberto e Tânia que tanto me ajudam e me incentivam”

“A todos os atores e autores, atrizes e autoras que me auxiliaram na/para compreensão de seus processos formativos profissionais através dos estágios”

AGRADECIMENTOS

Gratidão é a melhor estratégia para eliminar do coração sentimentos negativos. Aprendi que exercer a gratidão nos torna sensíveis para perceber as coisas ao nosso redor, os limites que temos ultrapassado e as pessoas que temos por perto, que tem nos ensinado e fortalecido. Aprendi que “não são as pessoas felizes que são gratas, mas sim, as pessoas gratas que são felizes”.

Ouso nesse pequeno espaço ser grata primeiramente a Deus que tem me ajudado a prosseguir em cada passo na caminhada da vida e a me superar todos os dias.

Gratidão a minha família, principalmente meus pais Tânia e Noberto que me ensinaram princípios dos quais não abro mão e que foram fundamentais para a construção do meu caráter me dando a base para ser quem eu sou hoje e para me orgulhar de quem me tornei.

A minha filha Júlia que me inspira em tudo que faço, me mostra como sou forte e o quanto preciso lutar e ser exemplo para ela, principalmente quando se fala de igualdade e respeito a nós mulheres.

Aos meus verdadeiros amigos, velhos e novos, que mostram que estão comigo para o que der e vier e aos que me provam que realmente existem amigos “mais chegados que irmãos”.

Aos meus colegas da Divisão de Apoio a Coordenação Acadêmica pela compreensão e incentivo que me deram durante este processo.

Aos docentes e discentes entrevistados que compartilharam comigo suas experiências de vida durante seus processos formativos no âmbito profissional.

A minha Psicóloga Marília Neri que atuou como uma incentivadora fundamental nesse processo de pesquisar, socializou comigo experiência parecida e bem sucedida que a levou ao doutorado e a um intercâmbio em

Portugal se tornando para mim uma referência, me ajudou a reconhecer minhas potencialidades e a lidar com minhas fraquezas e por quem cultivo um enorme carinho e amizade!

Aos colegas e professores do EISU por todo aprendizado e vínculos criados que vão durar por toda a vida.

Ao meu orientador, uma das pessoas mais humanas que conheço com uma capacidade de empatia enorme e que sabe encorajar seus orientandos com palavras que despertam em nós a vontade de vencer por mais difícil que seja nosso processo de evolução. Gratidão professor Cláudio Orlando!

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente
a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é
possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de
mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não
apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas
com ela coerentes.

(Paulo Freire)

LIMA, Bianca Caroline S. de. Estágios no curso de psicologia da ufrb: implicações políticas, institucionais, curriculares e formativas profissionais. 2019. Orientador: Cláudio Orlando Costa do Nascimento. 78f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2019.

RESUMO

Este estudo tem como objeto as experiências dos estudantes na etapa dos estágios obrigatórios do curso de Psicologia do Centro de Ciências da Saúde (CCS) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) que buscou conhecer e compreender as experiências dos atores da formação através dos Estágios, os referenciais teóricos que fundamentam a formação profissional, o currículo e os Estágios, como acontecem os Estágios na UFRB e no curso de Psicologia e como se dá a compreensão e as implicações dos atores/autores nos processos formativos e operacionais dos estágios na graduação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva baseada na etnopesquisa-implicada e na pesquisa da experiência, em que a experiência do/a pesquisador/a e dos atores sociais se fortalece nas narrativas e na interpretação dos seus etnométodos. A pesquisa ocorreu durante o semestre letivo 2018.1 e foram entrevistados três discentes matriculados e cursando componentes curriculares de estágio e quatro docentes orientadores de estágios obrigatórios que participaram da entrevista compreensiva. O estudo apoiou-se nos conceitos de construção identitária, formação e os seis aspectos que envolvem os estágios na graduação que são: currículo, políticas, operacionalização, concepção, regulamentação e gestão. Os resultados apresentaram um panorama dos estágios do curso de Psicologia, a experiência dos discentes e docentes e o impacto de tais atividades para a sociedade em que a Universidade está inserida, bem como, apresentou possibilidades de inovação e mudanças no projeto pedagógico do curso, na gestão de tais atividades e no âmbito da articulação entre a Universidade e a Sociedade.

Palavras-chave: Estágio, Currículo, Formação profissional, Construção, Identidade, Psicologia

LIMA, Bianca Caroline S. de. Internships in UFRB Psychology course: political, institutional, curricular and professional training implications. 2019. Advisor: Cláudio Orlando Costa do Nascimento. 78f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2019.

ABSTRACT

This study focuses on the internship program in psychology course of ufrb, and its political, institutional and curricular implications as well as professional formatives, highlighting the students' experiences in each stage of obligatory internships of the Psychology Course of the Health Science Center of Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, sought to know and understand the experiences of the training actors through the Internships, the theoretical references that base the professional formation, the curriculum and the Stages, as they happen the Stages in the UFRB and in the course of Psychology and how the understanding and the implications of the actors / authors in the training and operational processes of undergraduate internships. It is a qualitative research, descriptive based on implicate ethno-research and research of experience, whose social actors' experience becomes stronger in their narratives and their ethno-methods interpretation. The empirical research happened from July to October in 2018. The study supported itself in identity building notions, formation and aspects concernent to internships during the graduation which are: curriculum, politics, operacionalization, conception, regulamentation and management. The results presented an overview of the stages of the Psychology course, the experience of the students and teachers and the impact of these activities on the society in which the University is inserted, as well as, presented possibilities of innovation and changes in the pedagogical project of the course, in the management of these activities and within the scope of the articulation between the University and the Society.

Key words: Internship, University, Curriculum, Professional Formation, Building, Identity, Psychology

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A PESQUISADORA E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE PESQUISAR ESTÁGIOS NA GRADUAÇÃO	16
2.1. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL	18
2.2 FORMAÇÃO	19
3 O ESTÁGIO E OS ASPECTOS INFLUENCIADORES NA CRIAÇÃO DE POLÍTICAS INSTITUCIONAIS	22
3.1 CURRÍCULO	23
3.2 CONCEPÇÃO DE ESTÁGIOS	27
3.3. REGULAMENTAÇÃO DE ESTÁGIOS.....	30
3.3.1 A Lei 11.788 de 23 de Setembro de 2008	31
4 METODOLOGIA: O CAMINHAR COM A ETNOPESQUISA	33
4.1. A PESQUISA DA EXPERIÊNCIA	36
4.2 A ETNOPESQUISA QUE NOS IMPLICA A REFLETIR SOBRE NOSSAS EXPERIÊNCIAS	37
4.3 CONHECENDO A UFRB: UM LUGAR QUE ACOLHE E PROMOVE AS DIVERSAS EXPERIÊNCIAS	38
4.3.1 Gestão de Estágios na UFRB.....	40
4.3.2 A Resolução CONAC/UFRB nº 38/2011	43
4.3.3 O Centro de Ciências da Saúde (CCS)	45
4.3.4 O curso de Psicologia.....	47
5 RESULTADOS DA PESQUISA.....	49
5.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA E SUAS NARRATIVAS ACERCA DO TEMA.....	50
5.2 OS ESTÁGIOS NO ÂMBITO ESTRUTURAL E ORGANIZACIONAL ..	53
5.3 OS ESTÁGIOS NO ÂMBITO CURRICULAR E SUA CONCEPÇÃO ...	56
5.4 OS ESTÁGIOS NO ÂMBITO POLÍTICO.....	59
5.5 OS ESTÁGIOS NO ÂMBITO LEGAL.....	62
5.6 A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES.....	63
5.7 O IMPACTO DOS ESTÁGIOS NA SOCIEDADE.....	67
5.8 AS IMPLICAÇÕES E MOTIVAÇÕES ENTRE/DOS ATORES PARTICIPANTES DESSA FORMAÇÃO.....	69
CONSIDERAÇÕES	75

REFERÊNCIAS	78
APÊNDICES	81
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES.....	82
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES	83
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	84

1 INTRODUÇÃO

Durante os cursos de graduação, nas diversas instituições de nível superior, o estudante perpassa por várias etapas conforme seu itinerário formativo. Ele chega na etapa dos estágios obrigatórios ou não obrigatórios com a finalidade de obter experiência significativa que implicará na construção de sua identidade profissional e na práxis do trabalho no contexto da graduação.

O estágio também é concebido como um campo de treinamento, um espaço de aprendizagem do fazer, onde um leque de situações, de atividades de aprendizagem profissional se manifestam para o estagiário, tendo em vista a sua formação (BURIOLLA, 2009). Sua operacionalização deve ser bem articulada entre a unidade de ensino, a unidade concedente e o estagiário, pois esta articulação influencia positiva ou negativamente para a realização de tais atividades, por meio da maneira como elas estão previstas na estrutura curricular, na orientação dada pelos professores e supervisores, na disposição política e institucional na unidade de ensino, enfim, tudo poderá influenciar no desenvolvimento de habilidades necessárias ao exercício profissional envolvido no processo de formação.

Ciente da complexidade do tema, a presente pesquisa intenta problematizar e analisar impactos da política nacional e institucional de estágios na formação dos estudantes do Curso de Psicologia do Centro de Ciências de Saúde (CCS) – da UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB. Nesse sentido, busca:

- descrever para compreender a concepção de estágio do Curso;
- conhecer as experiências dos estudantes e professores no campo dos estágios, de forma a identificar estratégias inovadoras de gestão que viabilizem a realização dos estágios;
- apontar referenciais através do campo dos estágios que possam integrar o currículo, a formação e a qualificação do estudante para atuar no mundo do trabalho.

Ao considerar professores e estudantes protagonistas desta etapa na trajetória acadêmica na formação em Psicologia, se impõe o desafio do mapeamento, sistematização e construção de referenciais teóricos,

metodológicos e de práticas que possam contribuir para o aprimoramento da política institucional de estágios.

Escrever sob o olhar da etnopesquisa, me autorizou a compor essa dissertação em primeira pessoa, por se tratar do relato de uma experiência pessoal que foi influenciada através do estudo das experiências dos sujeitos colaboradores deste processo.

Esta pesquisa tem como cenário de estudo o Curso de Psicologia da UFRB, instituição que atuei como gestora de estágios na Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) por um período de 4 anos consecutivos. O foco deste estudo é a experiência dos estudantes e professores de psicologia nas atividades de estágio obrigatório. Busquei compreender por meio de um estudo de caso inspirado na Etnopesquisa Crítica e Implicada e na Pesquisa da Experiência, proposta por Macedo (2015). Para tanto, as questões formuladas foram baseadas nos referenciais teórico-epistemológicos e na compreensão dos estágios no Brasil, e em específico, do processo de estágio no Curso de Psicologia da UFRB.

Nos primeiros dois capítulos, fiz um recorte das implicações e principais influências da pesquisa sobre Estágios, a importância e os quatro movimentos da construção identitária dos indivíduos e os conceitos de formação como um fenômeno que se realiza no sujeito. No terceiro capítulo, destaquei os aspectos influenciadores na criação de políticas institucionais abordando-os ao longo desta pesquisa de acordo com sua influência dentro da Instituição de Ensino e para a formação profissional dos estudantes. No quarto capítulo abordei os conceitos da Etnopesquisa e a Pesquisa da Experiência, descrevi o campo empírico, a UFRB e o curso de Psicologia enquanto espaço de investigação. Os resultados da pesquisa são apresentados no quinto capítulo, através das narrativas decorrentes da escuta sensível e dos diálogos do pesquisador com os sujeitos da pesquisa. Nas considerações, descrevi minha própria compreensão sobre a vivência, os aspectos importantes dos resultados e os possíveis impactos desta pesquisa para a política de estágio da UFRB, bem como, sugestões de ações inovadoras para gestão e para o currículo dos discentes de Psicologia e que podem servir de base para outras instituições de ensino no âmbito da concepção, operacionalização, regulamentação, políticas, currículo e

gestão, que apesar de realidades distintas possuem as mesmas dificuldades encontradas pela UFRB.

Compreender a experiência dos estudantes e professores de estágio de um curso específico de uma Universidade pública, situada no interior do Estado da Bahia, principal foco deste processo investigativo, pode contribuir para a elaboração de respostas para várias questões que possuem como eixo a seguinte indagação: uma política de estágio pode formar o estudante para o êxito acadêmico no campo do trabalho? A partir desta indagação este trabalho foi realizado e todo o caminho da pesquisa foi traçado. Surgiram novas questões durante a trajetória que levaram a ampliação do estudo e da metodologia e possibilitaram uma investigação com resultados mais amplos sobre as perspectivas dos estágios, sua política e o impacto na formação profissional e para a sociedade.

2 A PESQUISADORA E SUAS IMPLICAÇÕES SOBRE PESQUISAR ESTÁGIOS NA GRADUAÇÃO

“A experiência não é algo que sucede, é o que nos implica, portanto nos afeta, nos toca, nos mobiliza e também nos impõe, nos compromete. A experiência nunca nos deixa indiferentes.”
(MACEDO, 2015)

Experiências de vida formaram as novas maneiras de pensar e viver dessa pesquisadora que se dispôs a descrever neste espaço suas implicações sobre estudar Estágios na Graduação. Entrar para uma Universidade Federal, criada no/para o contexto histórico e cultural do Recôncavo da Bahia, como servidora, me fez lançar novos olhares sobre as pessoas e sobre o mundo em que vivemos. Lidar com pessoas completamente diferentes do meu círculo de amigos e familiares até então, foi extremamente enriquecedor.

Através desse novo ambiente em que imergia, passei a ter contato com as culturas base do meu amado Recôncavo, aonde nasci e cresci desconhecendo completamente sua história e a diversidade que nele há. Isso me desconstruiu e me reconstruiu de forma inexplicavelmente profunda em todos os aspectos e me fez amar esse novo “mundo do trabalho” do qual passei a fazer parte. Me fez também observar as transformações que ele possibilita nos indivíduos que o compõem.

Em Fevereiro de 2010 entrei em exercício profissional na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e em 2011 iniciei a Gestão do recém-criado Núcleo de Gestão de Estágios (NUGEST) da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD).

Busquei referenciais teóricos que me ajudassem a compreender as atividades de Estágios para que me sentisse autorizada a realizar uma gestão competente sobre esta etapa profissional tão importante na nossa vida acadêmica e para que fosse capaz de propor políticas para a UFRB. Participei de vários eventos internos e externos e reuniões com professores orientadores de estágio, coordenadores de curso, representantes de instituições concedentes e outras instituições de ensino e fiz visita técnica a Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Tive contato com os estágios representando a UFRB como unidade concedente e como instituição de ensino, pois além de articular os estágios

obrigatórios de estudantes da UFRB, também operacionalizava os estágios obrigatórios de estudantes de outras instituições de ensino recebidos pela Universidade.

Durante a gestão, intermediei várias situações e tive contato direto com estudantes, professores orientadores, supervisores, representantes de unidades concedentes e de ensino, bem como, outros envolvidos direta ou indiretamente no desenvolvimento dos estágios dos estudantes de graduação da UFRB e de cursos de outras instituições de ensino. Conheci depoimentos que relatavam dificuldades em encontrar campos de estágio e em desenvolver atividades condizentes com o curso frequentado, indisponibilidade de orientação e supervisão, dificuldades para assinatura dos documentos de estágio, dificuldades na operacionalização da própria política de estágios da UFRB.

Outros depoimentos socializavam experiências que mostravam a importância dos estágios para a formação profissional, o contato com os pacientes para aqueles que eram estudantes da área de saúde, com os alunos para aqueles que eram estudantes de cursos de licenciatura e com os clientes para aqueles que cursavam engenharias ou outros bacharelados.

Enquanto discente do curso de Administração de Empresas, que possui em sua Diretriz Curricular estabelecida pelo MEC, a atividade de estágio como obrigatória, tive meu segundo contato com os estágios, porém, mesmo cursando esse componente curricular depois da publicação da Lei 11.788/2008, não desenvolvi tal atividade como a legislação e o próprio Projeto Pedagógico do Curso recomendam.

Após tantas vivências, escrevi meu Trabalho de Conclusão de Curso da graduação intitulado “Administração Estratégica: a experiência da gestão de estágios na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)” descrevendo a política de estágios da Universidade e seu processo de implantação, bem como os resultados para a organização de tais atividades.

Percebendo a necessidade de algumas mudanças e adaptações em relação às atividades de estágio da UFRB, durante o curso de especialização Trabalho, Educação e Desenvolvimento para a Gestão da Educação Profissional escrevi o projeto de intervenção intitulado “Gestão de Estágios da UFRB: Uma Proposta de Reestruturação” propondo a descentralização da gestão e uma reestruturação organizacional.

Com base nesta trajetória como gestora, pesquisadora e estudante em contato direto com os estágios, o presente trabalho foi elaborado partindo da perspectiva de estudo das experiências dos estudantes, professores orientadores de estágios e das contribuições de uma política de estágio para a formação profissional dos egressos, utilizando como metodologia a etnopesquisa e a pesquisa da experiência, considerando que tudo o que é já veio de antes e vai para um depois, e tudo o que vem depois só vem por meio de um antes e um durante que sempre chega depois, ou seja; todo depois tem um antes, e todo antes é sempre alcançado através de outra coisa, que tem em si igualmente um antes e um depois (MACEDO, 2015). Ou seja, todas as vivências influenciam nas decisões e trajetória de cada indivíduo e tudo o que vivemos e fazemos no ontem e no hoje, implicará na nossa vida futura.

2.1. CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

A prática dos estágios proporciona ao estudante perpassar por esses movimentos de construção de sua identidade profissional, aprendendo novas formas de olhar a realidade ao seu redor, refletindo sobre seu posicionamento diante de suas relações sociais, aprimorando seu discurso a partir de novos conhecimentos e construindo novas maneiras de ser e instituir realidades num contexto estabelecido.

As identidades são socialmente construídas conforme as possibilidades de ser, nos diversos contextos: são nossas facetas, nossas formas de agir, pensar e estar no mundo (LOPES, 2015). O autor afirma ainda que em nossa pessoa singular coexistem identidades, de modo coerente e/ou não coerente, que se alargam nas práticas, nas atividades sociais que nos envolvem. Diariamente, através dessas práticas, nas situações que vivemos em razão dos papéis sociais que assumimos, as identidades vão formando-se, extinguindo-se, refazendo-se, o que lhes confere características de abertura, fragmentação, contradição, inacabamento, flexibilidade, flutuação, plasticidade, para citar algumas.

Para Holland *et al* (1998), a prática diária dentro de suas diversas atividades constrói as identidades. Os autores explanam em seus estudos

antropológicos que existem quatro movimentos que orientam para essa construção identitária: mundos figurados (*figured worlds*), posicionamentos (*positionings*), orquestração das vozes (*authoring selves*) e construção de novos mundos (*making worlds*).

Para os autores um grupo socialmente estabelecido é o *mundo figurado*. Novas pessoas quando entram nesse grupo aprendem um novo modo de observar a realidade. O *posicionamento* trata da posição e das relações sociais e o quanto elas interferem na expressão identitária das pessoas. Remete às relações entre o sujeito, o discurso e a sua posição social, que dependem da hierarquia social (poder, status, posição), dos valores atribuídos a essas hierarquias (respeito, legitimidade), bem como de etnias, castas, sexualidades prestigiadas ou não (Holland *et al.*, 1998) e interferem na construção da identidade das pessoas.

Segundo os autores, o movimento de *orquestração de vozes*, trata da influência das vozes sociais de outros indivíduos em um discurso. Indica que o discurso de cada pessoa é marcado pelas ideias ou concepções de outras com quem interage. A construção de novos mundos acontece através da vivência das identidades praticadas na atividade, constituindo-se como o meio pelo qual as pessoas desenvolvem novas maneiras de ser e novas identidades, estas situadas e praticadas no curso da interação que inclui relações de poder.

2.2 FORMAÇÃO

Considerando que estamos falando sobre estágios, etapa do itinerário formativo discente, Macedo (apud Honoré, 1992, p.157) afirma que formatividade é o conjunto de condições, mediações, experiências e formulações implicando o fenômeno da formação onde processos *culturais formativos* provocam de forma recorrente o currículo.

Para Macedo (2012), as políticas de formação são fortemente solicitadas para dar respostas às novas configurações e demandas do mundo escolar, acadêmico, do trabalho, da saúde e da cultura, o que coloca os atores implicados nos cenários educacionais e formativos diante de uma significativa responsabilidade histórica; faz parte das complexas demandas globais e locais

e das relações de poder estabelecidas e pela importância política e sociocultural que a formação assume.

A formação é um fenômeno que se realiza no sujeito, como ontogênese, ou seja, como caminhada do Ser para seu aperfeiçoamento infundável; mas, como implicação política e opção analítico-reflexiva a tratamos também como parte do contexto da organização e da experiência curricular-formativa orientada por um currículo e por políticas, inserindo as pessoas em práticas formativas das mais diversas intenções e matizes (MACEDO, 2012).

A experiência formativa sempre dirá algo ao currículo, configurando-se conforme Macedo (2012, p.68) “... *em saberes e fazeres em metamorfoses incessantes, queiramos ou não, saibamos ou não, concordemos ou não, até porque qualquer experiência aprendente nos conduz a alguns lugares não habitados.*”

Nos dispositivos tecnológicos e didáticos, ou no ensino como determinante da preparação, ou no aprendizado como fenômeno pretensamente isolado, ou na educação como uma teoria e uma prática mais geral de orientação e de organização das ações formativas nossa tradição pedagógica tem escolhido muitas vezes o sentido da formação como uma mera e esperada consequência das ações e dos dispositivos educacionais (MACEDO, 2012).

Segundo Macedo (*apud* Josso, 2002, p.68) a formação, enquanto um objeto de observação e pensado, encarada do ponto de vista da experiência aprendente torna-se um potente conceito gerador a volta do qual vêm agrupar-se, progressivamente, conceitos descritivos como: processos, tempo, experiência, saberes, tensão dialética, subjetivação, identidade.

É necessário compreender a formação apreendida a partir da aprendizagem mediada em termos curriculares sem confundir ou reduzir o fenômeno da formação com a gestão da formação e sua racionalidade (MACEDO, 2012).

Macedo (*apud* Honoré, 1992, p.98) argumenta que grande parte das ações de formação é quase que exclusivamente centrada nas técnicas e sua cultura, as quais aparecem como condição base, às vezes exclusiva tanto para a competência como para a performance; a reflexão sobre as práticas se fecha nas tecnologias de onde se espera, sem reflexões relacionais, maior eficiência e a separação entre formação pessoal e profissional continua predominando.

Macedo (2012) afirma que currículo é um texto em constante escrita, e a ideia, de perspectiva sistêmica e processual de atos de currículo vem justamente potencializar o caráter relacional e construcionista deste dispositivo socialmente construído transformando em atores/autores curriculares todos aqueles implicados nas ações e no sentido de ser da formação.

Macedo (2013a) considera que atores sociais, implicados a seus contextos socioculturais podem alterar as cenas curriculares e serem coautores de seus processos de aprendizagem (formação) pelos seus atos de currículo.

As experiências voltadas para a práxis no mundo do trabalho poderão ser uma ferramenta de avaliação curricular composta de vários quesitos e indicadores, propondo uma ação reflexiva sobre o Projeto Pedagógico dos Cursos, o impacto sobre a formação dos educandos, os processos de formação e aprendizados dos sujeitos acadêmicos e a multirreferencialidade dos conhecimentos estabelecidos para uma determinada formação.

A proposta da abordagem multirreferencial que foi esboçada inicialmente por Jacques Ardoino e seu grupo de trabalho, visa estabelecer “olhar” sobre o “humano”, mais plural, a partir da conjugação de várias correntes teóricas, o que se desdobra em nova perspectiva epistemológica na construção do conhecimento sobre os fenômenos sociais, principalmente os educativos (MARTINS, 2004).

Segundo Martins (2004), Ardoino destaca que o aparecimento da ideia da abordagem multirreferencial no âmbito das ciências humanas, e especialmente da educação, está diretamente relacionado com o reconhecimento da complexidade e da heterogeneidade que caracterizam as práticas sociais.

Considerando a influência multirreferencial da formação não podemos pensar o Estágio apenas como algo exoterodeterminado, como ação de completude, de reajuste ou como um simples atendimento a demandas burocráticas e cumprimento de carga horária, mas sim, como uma experiência formativa de sujeitos concretos em cenários curriculares, com questionamentos, tensionamentos e reflexões.

A formação é regida pelo currículo, que é voltado para a qualificação do estudante para atuar no mundo do trabalho tornando-se necessário a compreensão deste tema para pensar sobre estágios, cuja etapa possui como

principal objetivo preparar o discente para ser um profissional através do desenvolvimento de atividades no próprio ambiente de trabalho.

3 O ESTÁGIO E OS ASPECTOS INFLUENCIADORES NA CRIAÇÃO DE POLÍTICAS INSTITUCIONAIS

Buscar compreender a dinâmica curricular de um curso acompanhando a itinerância dos estudantes pode fundamentar e permitir articulações entre a formação proposta no projeto pedagógico do curso, ou seja, dos saberes estruturados, e os saberes adquiridos pela vivência em espaços considerados não formais de aprendizado e de campo de trabalho profissional.

Considerando que as Universidades brasileiras tem a responsabilidade de disponibilizar e atuar como agente facilitador e intermediador das atividades de estágio a partir do momento que coloca esta atividade como obrigatória para os estudantes, devendo considerar a região que a Universidade está inserida e os possíveis campos de estágio no momento de construção e estudos para o desenvolvimento dos projetos pedagógicos de cursos, torna-se necessário a construção de políticas institucionais com base na política nacional representada pela Lei 11.788 de 25 de Setembro de 2008.

Segundo Ferreira (1999), política é a maneira de conduzir, ato de governar. Ou seja, desenvolver políticas de estágio dentro de uma Universidade, configura-se em desenvolver estratégias que viabilizem, organizem, avaliem o currículo e o estudante, e para além da gestão, permitam que através de tais atividades, ocorra a avaliação da qualidade acadêmica e da formação profissional dos futuros egressos dos cursos de graduação em torno do currículo e da formação dos discentes.

Tendo por base esse contexto e o referencial teórico percebe-se que a gestão das atividades de estágio envolve: Compreensão de sua concepção, regulamentação, gestão, compreensão do espaço e importância de tais atividades no currículo do curso, desenvolvimento de políticas institucionais e operacionalização. Elaborou-se um mapa conceitual com vistas a sintetizar tais aspectos que devem ser considerados na construção da política de que trata este capítulo. O mapa pode ser observado na figura abaixo.

Figura 1 - Mapa conceitual apresentando os aspectos que envolvem os estágios na graduação



Fonte: LIMA, 2018, p. 492

3.1 CURRÍCULO

Segundo Macedo (2012), os atos de currículo conversam com o currículo e os sujeitos desses atos são formados não apenas como resultado desse conhecimento formal, mas também pelos seus saberes individuais que influenciam e são influenciados enquanto atores curriculantes. Desta forma, os estágios podem ser uma ponte de atualização, melhoramentos, avaliação, complementação, etc.; entre o sujeito curricular e o currículo formando um ciclo de (re)construção nos processos formativos conforme representado na ilustração abaixo:

Figura 2 – Ciclo de (re)construção dos processos formativos através dos estágios



Fonte: A própria autora

Os atos de currículo compõem a *práxis* formativa, fazem com que a formação não encerre num fenômeno exoterodeterminado pela mecânica curricular e suas palavras de ordem, por consequência, não vislumbram os formandos e outros atores/atores da formação como meros atendentes de demandas educacionais. (MACEDO, 2012)

Macedo (2013b) explica que o trabalho crítico / intercrítico pode trazer grandes resultados para o deslocamento de propostas supostamente democráticas para o campo da radicalização da construção de novos sujeitos históricos, como partícipes ativos e críticos-reflexivos da cena curricular-educacional.

Macedo (2012) ressalta a importância e fortalecimento do conceito de atos de currículo vinculado a formação para a compreensão da relação profundamente implicada do currículo com a formação.

Na cena educacional, Macedo (2012), destaca que currículo é a relação estabelecida entre os saberes eleitos como formativos e as políticas de currículo e de formação são eleitas como pauta prioritária por segmentos socioculturais e organismos internacionais, numa tentativa de responder aos desafios impostos globalmente, num nível considerável de configuração de poder, de contradições e tensões.

Um currículo dispõe sobre vários aspectos em relação a formação que propõe. De acordo com o formulário disponível na Pró-Reitoria de Graduação da UFRB para cadastro de novos projetos pedagógicos de curso, devemos encontrar descrito nos currículos, dentre outros aspectos: carga-horária do curso, objetivos, ementas dos componentes curriculares, quantidade de professores, referenciais teóricos que serão utilizados como base para o planejamento das aulas, infra-estrutura necessária, tabela de aproveitamento para atividades científico-culturais e informações sobre estágios.

Macedo (2013a) trata o currículo como sendo o novo príncipe produzido nos cenários da educação institucionalizada devido ao seu empoderamento enquanto definidor dos processos formativos e suas concepções.

O autor afirma ainda que a explicitação reflexiva do campo curricular e da noção de currículo na intenção de distinguir histórica e epistemologicamente as perspectivas e as práticas, se torna uma responsabilidade formativa social e pedagógica incontestável se levarmos em conta o contexto de importância que o currículo assume no mundo em termos da concepção e da construção contemporânea das formações e o seu empoderamento político pedagógico e a complexidade que emerge dessas configurações (MACEDO, 2013a).

Para Macedo (2013b, p.14):

...é urgente que os educadores entrem no mérito do que se configura como currículo e saibam lidar com suas complexas e interessadas dinâmicas de ação, sob pena de deixarem que os burocratas da educação continuem tomando de assalto um âmbito das políticas e práticas educacionais que hoje define, em muito, a qualidade e a natureza das opções formativas.

A compreensão de currículo por parte dos agentes que o transformam em realidade no dia a dia das instituições de ensino é importante para que se reconheçam e se impliquem em suas atuações profissionais, para combater situações como a vivenciada atualmente pelos educadores brasileiros com a posse do novo presidente com mandato de governo para os anos de 2019 a 2022.

O renomado autor Boaventura Souza Santos recentemente expôs uma fala reflexiva no Colóquio Internacional: A imaginação do futuro - Saberes, experiências, alternativas¹, em Portugal, sobre os novos cuidados que os professores devem tomar diante do novo cenário político brasileiro, em que se ergue uma potente configuração de extrema direita, que vem destruindo as políticas sociais que são ostis ao neoliberalismo em todos os continentes e destruiu a indústria brasileira de infra-estrutura, com o objetivo de substituí-las por indústrias internacionais, de preferência americanas por quem o atual governo eleito demonstra específico interesse e busca por apoio e parceria política.

Segundo ele, a elite só apresentou alternativas para destruir e até então nenhuma para construir, apresentando e modificando suas possíveis ações políticas diversas vezes no momento pré-posse, mostrando estarem perdidos com relação ao que fazer no novo governo.

Com objetivos explícitos de mudar os currículos escolares brasileiros e os referenciais teóricos estudados nas escolas, o atual presidente entende como doutrinação as aulas de professores que estimulam reflexões críticas dos estudantes sobre determinados acontecimentos históricos, o meio e a sociedade em que vivem e iniciou uma perseguição àqueles que ministram conteúdos que resultem no empoderamento dos jovens do nosso país.

O governo vem estimulando e fortalecendo campanhas no sentido de cercear a atividade de ensino dos professores a exemplo do Projeto de Lei nº 867 de 2015, conhecido como “Escola sem Partido” que em seu artigo 3º descreve:

“São vedadas, em sala de aula, a prática de doutrinação política e ideológica bem como a veiculação de conteúdos ou a realização de atividades que possam estar em conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelos estudantes”. (BRASIL, 2015)

As consequências do fortalecimento desse tipo de posicionamento trazem grandes impactos para os currículos escolares que determinam o estudo

¹ Colóquio Internacional: A imaginação do futuro - Saberes, experiências, alternativas que aconteceu entre os dias 7 e 10 de novembro, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (UC).

e compartilhamento de conteúdos através de suas ementas. Uma consequência imediata de tais medidas talvez seja a modificação ou omissão de narrações que trazem acontecimentos históricos passados que causaram prejuízos enormes para a sociedade e refletem até os dias atuais uma carga de atitudes e pensamentos racistas, xenofóbicos, dentre outros que ferem os direitos das minorias e das mulheres e que foram sustentados por religiões e grupos sociais de grande influência em nosso país.

Boaventura alerta que os professores devem ter cuidado e organização coletiva, pois realmente sem organização ninguém pensa, e expressões individualistas e espontaneístas podem ser fatais diante das atuais ameaças.

Os tecnocratas reducionistas, em geral, não sabem e pouco se sensibilizam por aquilo que podemos denominar de um currículo educativo, aonde a formação se desenvolva elucidando e compromissando-se com a defesa de uma educação cidadã. (MACEDO, 2013)

3.2 CONCEPÇÃO DE ESTÁGIOS

A etapa dos estágios no currículo dos cursos sempre foi identificada como a parte prática na formação de profissionais, em contraposição à teoria. Para Pimenta e Lima (2011) em muitos casos, o curso nem fundamenta teoricamente a atuação do futuro profissional nem toma a prática como referência para a fundamentação teórica.

Existe uma contraposição entre teoria e prática, atribuindo-se menor importância à carga horária prática e que se traduz em espaços desiguais de poder (PIMENTA, LIMA, 2011).

Pimenta e Lima (2011) afirmam ainda que com frequência se ouve que o estágio tem que ser teórico-prático e que a teoria é indissociável da prática, tornando-se necessário a compreensão dos conceitos de prática e de teoria, bem como, a compreensão da superação da fragmentação entre elas a partir do conceito de práxis, apontando para o desenvolvimento do estágio como uma atitude investigativa que envolve a reflexão e a intervenção na sociedade. O estágio como pesquisa já se encontra presente em práticas de grupos isolados,

porém precisa ser assumido como horizonte ou utopia a ser conquistada no projeto dos cursos de formação.

Apesar de Pimenta e Lima (2011) trazerem um olhar sobre os estágios mais especificamente dos cursos de Licenciatura, pois é a realidade que elas vivenciam, seus conceitos se aplicam na análise dos estágios de qualquer área de formação.

Uma das concepções descritas pelas autoras é a prática como imitação de modelos, em que o modo de aprender uma profissão sob a perspectiva de imitação acontecerá a partir da observação, imitação, reprodução e, às vezes, reelaboração dos modelos existentes e que são considerados bons, afirmando que o exercício de qualquer profissão é prático, pois se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação” (PIMENTA, LIMA, 2011).

O aprendizado discente, muitas vezes se dá através da observação e imitação do professor, mas também elaborando seu próprio modo de ser a partir da análise crítica do modo de ser do próprio professor. Esta forma de aprender é importante, porém apresenta algumas limitações como, por exemplo, nem sempre o aluno dispõe de elementos para essa ponderação crítica e pode tentar transpor os modelos para situações que não são adequadas (PIMENTA, LIMA, 2011).

As autoras consideram ainda a concepção do estágio a partir da prática como instrumentalização técnica e afirma que o exercício de qualquer profissão é técnico, no sentido de que é necessária a utilização de técnicas para executar as operações e ações próprias, utilizando os instrumentos próprios do seu fazer. Ela destaca que a limitação desta concepção é o fato de que as habilidades não são suficientes para a resolução dos problemas com os quais os profissionais se defrontam, uma vez que a redução às técnicas não dá conta do conhecimento científico nem da complexidade das situações do exercício profissional (PIMENTA, LIMA, 2011).

A prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão podem reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática, nos levando a entender que o único objetivo dos estágios é o desenvolvimento de habilidades instrumentais. (PIMENTA, LIMA, 2011)

Nos últimos movimentos teóricos sobre a concepção de estágios busca-se superar a pretensa dicotomia entre atividade teórica e atividade prática chegando o estágio a ser definido como atividade teórica que permite conhecer e se aproximar da realidade (PIMENTA, LIMA, 2011).

Algumas indagações surgem a partir desse novo conceito como: o que se entende por realidade? Que realidade é essa? Qual o sentido dessa aproximação? O aproximar-se seria uma observação minuciosa ou a distância? O sentido da aproximação da realidade deve ser pautado numa conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocratizados é míope, o que aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam (PIMENTA, LIMA, 2011).

Outra concepção trazida pelas autoras é o estágio como pesquisa, mostrando-se como uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário que se traduz de um lado na mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam; por outro, se traduz na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhe permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam (PIMENTA, LIMA, 2011).

Através desse estágio se pressupõe uma abordagem diante do conhecimento, passando a considera-lo não mais como verdade capaz de explicar toda e qualquer situação observada, mas que se busque novo conhecimento na relação entre as explicações existentes e os dados novos que a realidade impõe e que são percebidos na postura investigativa (PIMENTA, LIMA, 2011).

A identificação da concepção de estágio de um curso possibilita estratégias didáticas para orientação dos estudantes em seu aprendizado, elaboração de políticas adequadas para a especificidade do curso, diálogo e articulação entre os atores dessa relação tripartite – Instituição Concedente, Instituição de Ensino e Estagiário - e avaliação curricular através dos resultados desta etapa acadêmica.

3.3. REGULAMENTAÇÃO DE ESTÁGIOS

A palavra “estágio” significa “[...] 1. *aprendizado, exercício, prático, [...] 2. situação transitória, de preparação, 3. Aprendizado de especialização que alguém faz numa repartição ou em qualquer organização, pública ou particular*”. (FERREIRA, 1999, p. 1906)

O estágio começou a ser regulamentado ainda de forma rudimentar, no ano de 1942, através da Lei Orgânica do Ensino Industrial que organizava o regime do ensino industrial, destinado à preparação profissional dos trabalhadores da indústria e das atividades artesanais e dos trabalhadores dos transportes, das comunicações e da pesca. O Decreto-Lei 4.073 em seu Art. 48 estabelecia que “consistirá o estágio em um período de trabalho, realizado por aluno, sob o controle da autoridade docente, em estabelecimento industrial” e ainda em seu parágrafo único “articular-se-á a direção dos estabelecimentos de ensino com os estabelecimentos industriais cujo trabalho se relacione com os seus cursos para o fim de assegurar aos alunos a possibilidade de realização de estágios, sejam estes ou não obrigatórios”.

No ano de 1961, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação, aduzia uma ideia dissociada da formação acadêmica e profissional considerando a formação acadêmica de caráter apenas intelectual.

Em 29 de Setembro de 1967, o então Ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, sancionou a Portaria 1.002, estabelecendo nas empresas a categoria de estagiário a ser integrada por alunos oriundos das Faculdades ou Escolas Técnicas de nível colegial, que determinava um contrato-padrão contendo obrigatoriamente a duração do estágio, a bolsa de ensino com o valor ofertado pela empresa, o seguro contra acidentes pessoais, oferecido pela entidade concedente e a carga horária deste estágio.

A implantação de estágios destinados a proporcionar aos estudantes do sistema de ensino superior de áreas prioritárias, especialmente as de engenharia, tecnologia, economia e administração, a possibilidade de praticar em órgãos e entidades públicas e privadas o exercício de atividades pertinentes às respectivas especialidades foi permitida através do Decreto nº 66.546/70.

As diretrizes e bases para o então denominado ensino de 1º e 2º graus fixado pela Lei nº 5.692/71 trata sobre o estágio como forma de colaboração

entre empresas e escolas sendo revogada pelo Art. 92 da Lei 9.394/66 conhecida como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, e posteriormente revogada pela Lei 11.788/2008.

Em 1972, foi instituída a Bolsa de Trabalho, cujo objetivo era proporcionar aos estudantes de todos os graus de ensino oportunidade de exercício profissional em órgãos públicos ou particulares, através do Decreto nº 69.927, porém a inserção do estagiário no ordenamento jurídico se deu com a Lei nº 6.494, de 7/12/77, que estabeleceu as regras para orientar o estágio.

O Decreto nº 75.778 de 26 de maio de 1975, dispôs sobre o estágio de estudantes de estabelecimento de ensino superior e de ensino profissionalizante de 2º grau, no Serviço Público Federal e foi revogado pelo Decreto 87.497 de 18 de agosto de 1982 que prescreveu em seu Art. 2º:

“Considera-se estágio curricular, para os efeitos deste Decreto, as atividades de aprendizagem social, profissional e cultural, proporcionadas ao estudante pela participação em situações reais de vida e trabalho de seu meio, sendo realizada na comunidade em geral ou junto a pessoas jurídicas de direito público ou privado, sob responsabilidade e coordenação da instituição de ensino.”

Algumas alterações foram introduzidas no texto pela Lei nº 8.859, de 23/03/94, a qual, por sua vez, estendeu aos alunos de ensino especial o direito à participação em atividades de estágio.

Por fim, em 2008 criou-se a Lei 11.788 que traz uma regulamentação mais condizente com a realidade vivida no país no século XXI considerando dentre diversos aspectos da formação profissional dos estudantes: o currículo, conceito de estágio e as obrigações das instituições de ensino e os campos de estágio.

3.3.1 A Lei 11.788 de 23 de Setembro de 2008

A lei que alterou o modelo até então praticado em seu Art. 1º, §1º, define que “o estágio é ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no

ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos [...]”.

As principais alterações advindas com a Lei de Estágios são: redução da carga horária para seis horas diárias (salvo se o aluno for dispensado das aulas presenciais, caso em que a carga horária pode ser de até quarenta horas semanais); limite máximo de dois anos de vigência do termo de compromisso de estágio pela mesma instituição cedente, com exceção de pessoas com deficiência; concessão de recesso de trinta dias remunerados após um ano de atividades; obrigatoriedade de auxílio-transporte e de bolsa para o estágio não obrigatório; possibilidade de profissionais liberais de nível superior registrados nos conselhos profissionais contratarem estagiários; obrigação da avaliação das instalações da empresa; entrega de relatório a cada seis meses com vista obrigatórias ao estagiário, indicação de professor orientador pela instituição de ensino; aplicação de legislação relacionada à saúde e segurança no trabalho ao estagiário; e asseguração de que 10% das vagas oferecidas pela empresa cedente do estágio será destinado às pessoas com necessidades especiais (BURIOLLA, 2009).

A referida Lei define duas modalidades de Estágio; o que antes era conhecido como “Estágio Supervisionado” ou “Estágio Curricular” agora são considerados Estágios Obrigatórios; e o “Estágio Extra Curricular” ou “Estágio Voluntário” passou a ser chamado de Estágio Não Obrigatório, tendo em vista que ambos são curriculares e supervisionados e no segundo caso há a obrigatoriedade de concessão de bolsa, além dos outros direitos que são devidos ao estagiário especificados na presente Lei.

O atual cenário nacional nas Instituições de Ensino Superior caracteriza uma fase de adaptação com a publicação da Lei 11.788/2008 trazendo novas reflexões para a gestão e operacionalização dos estágios.

Percebe-se que, as universidades brasileiras tentam criar legislações internas que possibilitem a operacionalização dos estágios considerando apenas o ponto de vista administrativo e o atendimento a Lei 11.788/2008 que dispõe sobre o estágio de estudantes. Através da Lei de Estágio os estudantes, instituições de ensino e instituições concedentes têm definidos suas obrigações e direitos, o que marca significativamente a proteção dos sujeitos em atividade e passa a considerar o estudante como um aprendiz em um processo que

anteriormente acontecia como efetivo trabalho por parte dos estagiários e das empresas, desconsiderando sob diversas circunstâncias o processo pedagógico envolvido e sem o resguardo de direitos estudantis.

4 METODOLOGIA: O CAMINHAR COM A ETNOPEQUISA

Caminho que se faz caminhando (Elliot)

A etnopesquisa se apresentou para mim como: *“uma possibilidade de construção do foco da pesquisa a partir da relação entre pesquisador/objeto/contexto por meio das interações e negociações entre os envolvidos”* (MACEDO, 2015, p. 313).

Quando decidi que eu queria conhecer uma parte do estágio para além da gestão e operacionalização, descobri também que eu queria ressignificar às atividades que desenvolvo na UFRB como profissional, formada em Administração e que apenas olhava para o próprio trabalho como algo rotineiro e mecânico.

Dialogar com os estudantes, ouvir suas vivências durante a prática dos estágios fora da Universidade e o quanto aquilo era importante para eles me trazia uma motivação e um engajamento para tornar essas novas compreensões que surgiam dentro de mim em fontes de pesquisa e conhecimento. Surge então a ideia de desenvolver uma pesquisa qualitativa, com a proposta de obter um conhecimento mais profundo daquilo que tanto lidava apenas no âmbito administrativo.

Para realizar uma pesquisa sobre algo que me implicasse, que me levasse a pensar em soluções para que as coisas ocorram da melhor forma possível para os estudantes e para as instituições envolvidas, me deparei com a Etnopesquisa Crítica/Formação, que segundo Macedo (2015) ao contrário das linhas de pesquisa de caráter quantitativo, desempenha como perspectiva a formação, pois é nessa relação que pesquisador/pesquisado se transformam/formam mutuamente.

A minha relação com o curso de Psicologia iniciou quando fui transferida do campus de Cruz das Almas para o de Santo Antonio de Jesus, no ano de

2015. Durante as atividades técnicas percebia maior presença e disposição para troca de experiências entre técnicos e professores a partir do corpo docente do referido curso. Uma das minhas atividades quando cheguei ao CCS foi a elaboração das atas das reuniões do Colegiado de Psicologia e encontrei através de diálogos iniciais sobre este projeto de pesquisa grande interesse de participação e colaboração por parte dos professores do curso.

Para a coleta de dados elaborei um questionário semiestruturado - conforme Apêndice 2 - para nortear as entrevistas individuais com professores e estudantes, com o objetivo de conhecer experiências, fatores influenciadores do processo de formação durante os estágios, identificação de procedimentos inovadores de gestão e contribuições para melhorias na integração entre currículo e formação na Psicologia.

A escolha dos entrevistados aconteceu a partir do diálogo pesquisadora-orientador e foi decidido buscar experiências docentes e discentes para a coleta de dados, do semestre acadêmico que estava acontecendo na época instituída para as entrevistas, em Agosto de 2018, O período determinado para as entrevistas coincidiu com a vigência do semestre 2018.1 da UFRB e as turmas que cursavam Estágio Obrigatório pertenciam ao currículo aprovado conforme o PPC 2008 do curso de Psicologia. Então, busquei no Sistema de Gestão Acadêmica (SIGAA) utilizado pela UFRB o nome dos professores que estavam orientando estágios e encontrei nove professores com quantidades variadas de discentes sob sua orientação.

Convidei os nove professores para participarem das entrevistas e escolhi também, aleatoriamente, um discente ligado a cada um desses orientadores com base também no Sistema. No entanto, devido as dificuldades de encontrar disponibilidade por parte dos convidados consegui entrevistar apenas quatro docentes e três discentes.

A etnopesquisa é um tipo de investigação específica da experiência humana, sem a qual para esta modalidade de pesquisa ela própria não se efetiva como investigação e é no processo dialógico e dialético, que parte da consideração do ator social enquanto portador e produtor de significados que ela produz seus etnométodos, encontrando subsídios através das narrativas dos agentes-atores-sujeitos via a experiência irreduzível deles (MACEDO, 2012).

Coulon (1995) afirma que os etnométodos, são utilizados pelos membros de uma forma social, enquanto procedimentos para produzir e reconhecer seu mundo, para torna-lo familiar, ao mesmo tempo em que o vão construindo a partir das práticas cotidianas.

Durante as entrevistas percebi a importância da “escuta sensível”, expressão que segundo Macedo (*apud* Barbier, 1985, p. 146) e que supõe um trabalho do pesquisador sobre si mesmo, em função de uma consideração sobre sua relação com a realidade, com a ajuda eventual de um outro que está à escuta. Essa escuta trouxe a memória toda a minha trajetória de formação acadêmica e profissional, situações de aprendizado, de suporte a discentes e docentes, indignações por perceber algumas vezes a inviabilidade burocrática na realização de atividades discentes que poderiam ser consideradas como estágios, dentre outras.

A escuta sensível, requer empatia, abertura e aceitação do outro em sua inteireza, numa perspectiva de relação horizontal em que não exista aquele que sabe e aquele que não sabe, mas apenas aqueles dotados de saberes diferentes advindos de experiências e vivências peculiares (Barbier, 1997).

Durante as entrevistas realizadas com os discentes e docentes o caminho desta pesquisa tomou rumos diferentes, pois percebi que um dado não é apenas um dado, mas sim uma construção social que durante o processo da pesquisa se constitui gradativamente a partir do interesse dos sujeitos colaboradores e do pesquisador buscando estabelecer um ambiente de negociações e acordos para o desenvolvimento do trabalho (Macedo, 2015).

Sacramento (2006) explica que na Etnopesquisa Crítica/Formação, a realidade é um todo integrado, e não uma coleção de partes dissociadas e fragmentadas possibilitando ver de dentro e não como mero observador distanciado do objeto.

A Etnometodologia é definida como a ciência dos etnométodos, isto é, dos procedimentos que constituem aquilo que Garfinkel chama de o raciocínio sociológico, que todo indivíduo apresenta e a sua originalidade reside em sua concepção teórica dos fenômenos sociais em que o ator social não é um idiota cultural, mas sim um produtor de sentidos e significados.

Macedo (2015, p. 321) afirma que:

“... o delineamento de uma proposta metodológica é algo complexo, pois a construção de um itinerário metodológico nos faz caminhar por trilhas do conhecimento que muitas vezes requerem um transitar por tensões e incertezas diversas que emergem no processo de construção da pesquisa a partir das escolhas teóricas e das experiências pessoal-profissionais.”

Silva (2005) traz reflexões sobre os (des)caminhos do método, defendendo a ideia de uma aventura intelectual polissêmica, plurimetodológica, inventiva e elaborada na caminhada de cada pesquisa, em que conhecer pode ser apenas desconhecer o outro, só havendo nova teoria quando corremos o risco de inventar novas regras de pensamento no qual cada elemento contamina e é contaminado pelo outro. Ele diz que “o meio também se transforma, tornando-se mais processo do que suporte”. (SILVA, 2005, p. 58)

Sendo assim, as relações dos discentes e docentes com/nos estágios trouxeram para esta pesquisadora a (re)construção deste processo de pesquisa de forma que em cada entrevista foi possível perceber, mudar, compreender e refazer seu caminho de construção e de formação deste/neste trabalho.

4.1. A PESQUISA DA EXPERIÊNCIA

Considerando as experiências dos sujeitos, buscou-se compreender de forma crítica e qualitativa o tema. Desta forma, a Etnopesquisa Crítica e a Pesquisa da Experiência, propostas por Macedo (2012; 2013; 2015) foram às estratégias metodológicas adotadas para a realização deste estudo.

Os saberes experienciais que são individuais, subjetivos e baseados na vivência de cada indivíduo, vêm aos poucos sendo reconhecidos e vem se criando um cenário de respeito e acolhimento tanto epistemológica quanto heurística e profissionalmente para esses saberes, resultando em um empoderamento técnico e cultural em relação a sua valoração (MACEDO, 2015).

Em meio a essa realidade, o campo da educação permanente, por exemplo, vem descortinando o quanto a experiência do trabalho produz especificidades aprendentes importantes para se pensar a formação para e pelo trabalho. Assim, a experiência do trabalho vai emergir como um princípio

educativo e a experiência construída no trabalho assume um status epistemológico, formativo e político significativo nos cenários sociotécnicos e profissionais. (MACEDO, 2015)

Para Macedo (2015) não é possível explicar a experiência de fora dela, se compreende, de forma que para isso são indispensáveis o outro, seu discurso, suas ações e projeções. O encontro irreduzível entre o ser e o saber se dá através da experiência e a experiência vai além da vivência, pois a vivência pode ser vivida e não pensada, enquanto a experiência é pensada.

Assim como a vida, a experiência humana é um fenômeno relacional em que intrinsecamente se configura a relação com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, conosco, com o que somos, com o que fazemos e com o que desejamos fazer, este último podemos chamar de projeto. Sendo assim, a experiência é um espaço para as percepções, para as paixões, para nossos desejos, para nossas contradições, nossos paradoxos, nossas derivas, itinerâncias e errâncias; é também uma fonte inesgotável de sentido e possui um movimento que só é compreendido em “pleno voo”. (MACEDO, 2012)

4.2 A ETNOPESQUISA QUE NOS IMPLICA A REFLETIR SOBRE NOSSAS EXPERIÊNCIAS

Os caminhos da etnopesquisa promovem o encontro do pesquisador consigo mesmo, sem desperdiçar a experiência humana, tornando-a um epifenômeno ou coisificando-a para se forjar dados, como uma tradição que se prolonga até nossos tempos nas nossas formas de pesquisar as problemáticas humanas que implicam o experiencial. (MACEDO, 2015)

Escolhi estudar o estágio, suas implicações legais e qualidade pedagógica, devido às discussões nas esferas educacionais que tem causado reflexão sobre a importância formativa da prática, partindo dos componentes curriculares de estágio e discussões sobre o assunto com vistas ao estabelecimento de diretrizes para a integralização desta carga horária, reformulação de ementas (Projetos Político-Pedagógicos dos cursos), definições de políticas e estratégias de gestão a serem utilizadas na articulação entre Universidade e sociedade para inserção dos alunos no campo da prática

profissional, objetivando a formação da identidade e da qualificação dos egressos dos cursos de graduação que atuarão no mundo de trabalho.

Este estudo trata de uma pesquisa qualitativa, considerando o sujeito humano e suas peculiaridades transcendentais em suas experiências de formação profissional e a forma como essa identidade se constrói mais especificamente durante os estágios.

4.3 CONHECENDO A UFRB: UM LUGAR QUE ACOLHE E PROMOVE AS DIVERSAS EXPERIÊNCIAS

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia é uma autarquia com personalidade jurídica de direito público, criada através da Lei 11.151/2005 em 29 de julho de 2005, por desmembramento da Escola de Agronomia da Universidade Federal da Bahia.

A UFRB surge na Região do Recôncavo da Bahia com o compromisso de ofertar ensino superior de qualidade e exercer sua responsabilidade social de democratizar a educação, repartir socialmente seus benefícios, de forma a contribuir para o desenvolvimento sustentável, cultural, artístico, científico, tecnológico e socioeconômico do país. Associa-se a estes propósitos seu papel de promotora da paz, na defesa dos direitos humanos e na busca da preservação do meio ambiente.

Concebida como um modelo *multicampi*, a instituição é composta de sete centros, em seis municípios da Região do Recôncavo Sul da Bahia sendo: o Centro de Ensino de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas (CCAAB) e o Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas (CETEC) situam-se em Cruz das Almas, localizado a 146 quilômetros de Salvador, o Centro de Artes Humanidades e Letras (CAHL) situa-se em Cachoeira, município localizado a 100 km de Salvador, o Centro de Ciências da Saúde (CCS) situa-se em Santo Antônio de Jesus, município localizado a 180 km de Salvador, o Centro de Formação de Professores (CFP) situa-se na cidade de Amargosa, município localizado a 220 km de Salvador, o Centro de Ciência e Tecnologia em Energia e Sustentabilidade (CETENS) situa-se na cidade de Feira de Santana, município localizado a 118 km de Salvador e o Centro de Cultura, Linguagens e

Tecnologias Aplicadas (CECULT) situa-se na cidade de Santo Amaro, município localizado a 111 km de Salvador.

Sua missão é exercer de forma integrada e com qualidade as atividades de ensino, pesquisa e extensão, acrescida de políticas afirmativas, buscando promover o desenvolvimento das ciências, letras e artes e a formação de cidadãos com visão técnica, científica e humanística, propiciando valorizar as referências das culturas locais e dos aspectos específicos e essenciais do ambiente físico e antrópico.

Para cumprir a declaração do seu propósito e do seu alcance; definidos na missão, a UFRB é regida pelos seguintes princípios estatutários:

- indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão;
- respeito à liberdade de pensamento e de expressão, sem discriminação de qualquer natureza;
- universalidade de conhecimentos;
- democracia e transparência na gestão;
- integração sistêmica entre educação, trabalho e atuação social; e valorização e reconhecimento das experiências práticas.

De acordo com o artigo 3º do Estatuto vigente, a UFRB tem as seguintes finalidades:

- gerar e disseminar conhecimentos nos campos das ciências, da cultura e das tecnologias;
- formar, diplomar e propiciar formação continuada nas diferentes áreas de conhecimento para o exercício de atividades profissionais e participação no desenvolvimento da sociedade.
- contribuir para o processo de desenvolvimento do Recôncavo da Bahia, do Estado e do País, realizando o estudo sistemático de seus problemas e a formação de quadros científicos e técnicos em nível de suas necessidades;

- promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica;
- educar para o desenvolvimento sustentável;
- implementar e cultivar os princípios éticos na consecução de seus objetivos;
- manter amplo e diversificado intercâmbio de conhecimentos com a sociedade; e
- contribuir para a melhoria do ensino em todos os níveis e modalidades, por meio de programas de formação inicial e continuada.

A instituição oferece atualmente 64 (sessenta e quatro) cursos de graduação entre presenciais e de educação à distância.

4.3.1 Gestão de Estágios na UFRB

Os estágios em setores profissionais específicos contribuem para o desenvolvimento econômico e social da Região do Recôncavo da Bahia por meio da definição de ações e programas que concretizam e integram as diretrizes curriculares com os setores sociais e produtivos da região, incluindo o mercado profissional, através de intensas relações com as escolas públicas de nível médio e fundamental, associações de bairro, associações de produtores rurais, associações de produtores da agricultura familiar, associações de trabalhadores rurais e urbanos, conselhos tutelares, campanhas de saúde, postos de saúde, cooperativas, incubadoras, empresas juniores, escritórios tecnológicos, escritórios de captação de recursos, prestação de serviços, parcerias de trabalho com órgãos públicos e privados (PDI/UFRB 2010 – 2014).

Através da participação em estágios os estudantes são inseridos em contextos, situações e oportunidades voltadas para a reconstrução do conhecimento, unidisciplinaridade, perpassando estruturas curriculares e favorecendo a concepção de práticas e ensino crítico-constructivo fomentando a competência para investigar (PDI/UFRB 2010 – 2014).

Com o objetivo de garantir aos discentes a vivência da prática social de atividades profissionalizantes por meio de estágios obrigatórios e não obrigatórios realizados em instituições concedentes públicas ou privadas, a UFRB estabelece parcerias com instituições como estratégia para o exercício da articulação entre teoria e prática, proporcionando ao discente a complementação do ensino-aprendizagem, em sua área de formação, representando a oportunidade para desenvolver atividades pedagógicas em espaços fora do contexto exclusivamente acadêmico visando à formação profissional, bem como, as suas interações com o mundo do trabalho (PDI/UFRB 2010 – 2014).

Com vistas a analisar as políticas de participação de estudantes em atividades de ensino (estágio, monitorias, etc.) as políticas de incentivo a estágios, intercâmbios com instituições e estudantes do exterior incluem uma das dimensões indicadas pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES) avaliadas dentro das Instituições de Ensino e esses resultados devem constituir referencial básico dos processos de planejamento estratégico, tático e operacional, inclusive corrigindo e melhorando as diretrizes, objetivos e metas da UFRB. (PDI/UFRB 2010 – 2014).

Uma das metas da UFRB para o período de 2010 a 2014 de competência da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) foi a reestruturação dos estágios curriculares e para atender a estas demandas criou-se o Núcleo de Gestão de Estágios (NUGEST) em 02 de Março de 2011 através da Portaria nº 155/2011 vinculado a Coordenadoria de Ensino e Integração Acadêmica (CEIAC).

Compreendendo a relevância de tais atividades como momento formativo no percurso acadêmico dos estudantes a PROGRAD ressaltou em seu Planejamento Estratégico (2011 - 2015) a necessidade de assegurar uma política de estágio, garantindo a integração entre a Instituição Federal de Educação Superior (IFES) e os campos de estágio, tendo como base o que está previsto na Lei nº 11. 788/2008, de modo que o estudante de graduação tivesse a possibilidade de vivenciar este momento de sua formação, cabendo a PROGRAD através do NUGEST propor, coordenar e avaliar políticas de estágio para a UFRB, visando à operacionalização eficiente e eficaz dessas atividades para os discentes dos cursos de graduação, observando a legislação em vigor e buscando viabilizar experiências enriquecedoras para a formação do estudante,

além de orientar os cursos (professores e estudantes) com relação aos estágios obrigatórios e não obrigatórios.

A PROGRAD definiu ações para cumprir os objetivos estratégicos relacionados a política de estágios da UFRB e elaborou como estratégia de gestão uma proposta de Resolução com o objetivo de regulamentar tais atividades e implementar a política de estágio da Universidade, que foi institucionalizada através de sua aprovação no Conselho Acadêmico (CONAC). Após aprovação da Resolução CONAC/UFRB nº 38/2011 que regulamenta os Estágios Obrigatórios e Não Obrigatórios dos estudantes de graduação da UFRB, iniciou-se o processo de implantação da nova estrutura disposta na referida resolução, principalmente no que tange a operacionalização de tais atividades.

Os Diretores de cada Centro de Ensino indicaram servidores técnico-administrativos para atuarem nos Núcleos de Apoio aos Estágios (NAE) a partir do mês de Março de 2013 observando a regulamentação interna e a Lei de Estágios como base norteadora para a orientação de tais atividades. A operacionalização do NAE foi acompanhada pelo NUGEST através de treinamento dos servidores para que os mesmos pudessem adquirir propriedade sobre as legislações que envolvem os estágios e o controle e a avaliação estratégica foi realizada através de reuniões em que os representantes dos NAEs levaram suas reflexões e considerações sobre o Núcleo e sobre os Estágios no âmbito de cada Centro.

A proposta de estrutura organizacional acima descrita não foi consolidada devido a inúmeros aspectos como: falta de servidores para exercerem tais atividades e falta de função gratificada para implantação dos referidos Núcleos. Portanto, cada Centro de Ensino faz sua gestão de estágios de forma independente considerando além de suas condições físicas, materiais e humanas as particularidades das áreas das ciências concentradas em cada um e a Resolução de Estágios continua sendo utilizada como referência para gestão, avaliação, orientação e compreensão dos outros aspectos dos estágios que vão para além do suporte administrativo.

A não implantação desta proposta trouxe atrasos para a organização das atividades de estágio e a despadronização das capacidades resolutivas de cada Centro de Ensino causou inviabilidade na resolução eficaz de muitos problemas

relacionados aos estágios em diversos aspectos, porém, reconhecendo a autonomia de cada campus e os diversos contextos em que cada um está inserido, tramita na Câmara de Graduação uma nova Regulamentação trazendo uma proposta mais generalizada e autônoma de gestão que deverá ser aprovada, implantada e avaliada futuramente enquanto política institucional.

4.3.2 A Resolução CONAC/UFRB nº 38/2011

A Resolução CONAC/UFRB 38/2011 foi sancionada pelo Magnífico Reitor Paulo Gabriel Soledade Nacif no dia 06 de Dezembro de 2011 caracteriza os Estágios como *“ato educativo supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, e que integra o itinerário formativo do discente previsto no projeto pedagógico do curso”*.

Os estágios se constituem como atividade curricular, de base eminentemente pedagógica, que tem como objetivos: promover a interdisciplinaridade; proporcionar experiência acadêmico-profissional, orientada para a competência técnico-científica e para a atuação no mundo do trabalho dentro do contexto de relações sociais diagnosticadas e conhecidas; oportunizar avaliação, reflexão e reestruturação dos currículos enquanto oportunidade de verificação do resultado da formação proposta nos mesmos; incentivar atividades, ao longo do processo formativo, que propiciem a articulação teoria-prática; e, como atividade curricular de caráter integrador que visa promover parcerias com outras instituições e comunidades, tendo em vista garantir aos discentes o exercício da prática social aliada a atividades profissionalizantes; vivência profissional, a partir de interações com o ambiente de trabalho.

A Resolução CONAC/UFRB 38/2011 dispõe sobre os trâmites necessários e as instâncias envolvidas no processo de estabelecimento de convênio e do Termo de Compromisso de Estágio, as modalidades de orientação que poderão ser escolhidas por cada professor orientador (direta, indireta e semidireta), os trâmites necessários para solicitação de redução de carga horária de Estágio dos discentes, as condições do campo de Estágio que devem ser atendidas pelas Instituições Concedentes e observadas pelos professores orientadores, sobre o planejamento, programação e administração dos Estágios

na Universidade e a criação de uma Comissão Orientadora de Estágios (COE) e de um Núcleo de Apoio aos Estágios (NAE) em cada Centro de Ensino.

O NAE foi pensando a partir da necessidade de organização e controle no desenvolvimento de tais atividades o que se tornou mais evidente e complexo para a PROGRAD que observou nos relatos dos Coordenadores de curso que o gerenciamento dos Estágios precisava de um setor específico para auxiliar o Centro de Ensino nas questões administrativas, buscando a operacionalização eficaz dos procedimentos em consonância com as normas e as leis em vigor, e por isto propôs na Resolução a estratégia de criação dos Núcleos de Apoio aos Estágios, que tem suas competências descritas no Art. 33 da referida Resolução:

I – Assessorar administrativamente às Comissões Orientadoras dos Estágios e aos Colegiados de Cursos exclusivamente em questões relacionadas aos estágios (obrigatórios e não obrigatórios);

II - Manter fluxo de informações relativas ao acompanhamento e desenvolvimento dos estágios em processo;

III - Assegurar a socialização de informações relacionadas a estágios no Centro;

IV - Contatar instituições concedentes de estágio quanto à celebração de convênios, encaminhando à direção do Centro o aceite formal para estabelecimento de convênio de estágio com a UFRB;

IV - Desenvolver dinâmica de cadastramento de campos de estágio já existentes e de novos, de forma a agilizar os trâmites para estabelecimento de convênios;

V - Divulgar e orientar sobre procedimentos, rotinas e padrões documentais relativos aos estágios obrigatórios e não obrigatórios na UFRB;

VI- Apoiar as atividades de estágios, em estrita consonância com as políticas de estágio dos Colegiados dos cursos e da UFRB;

VII – Acompanhar o período de vigência dos Convênios de Estágio firmados junto às instituições concedentes encaminhando para a direção do Centro, quando necessário, solicitação para renovação do instrumento;

VIII – Manter atualizado arquivo contendo relatório das atividades dos estagiários discentes da UFRB no qual deverá constar visto do orientador e do supervisor da parte concedente;

IX - Comunicar à parte concedente do estágio, no início do período letivo, as datas de realização de avaliações escolares ou acadêmicas;

X - Intermediar a comunicação entre os agentes de integração e/ou empresas cedentes e os Centros de ensino, nos processos de encaminhamento de dados institucionais, frequência e condição de matrícula de discentes.

As atividades desenvolvidas atualmente pelos NAEs ou setores correspondentes nos Centros de Ensino eram realizadas pelos Colegiados de Curso que não possuíam um servidor técnico-administrativo específico para dar suporte individualmente a cada Coordenação de Colegiado e portanto eram executadas pelos Coordenadores de curso que são responsáveis pela assinatura dos Termos de Compromisso de Estágio além de outras atribuições pertinentes a função de Coordenador.

4.3.3 O Centro de Ciências da Saúde (CCS)

Os cursos de graduação do CCS atualmente funcionam através da formação em ciclos. Os estudantes ingressam no Bacharelado Interdisciplinar em Saúde associado a formação em Nutrição, Psicologia, Enfermagem ou Medicina. Todos estes cursos possuem em sua matriz curricular componentes de Estágio Obrigatório. No Centro de Ciências da Saúde (CCS), o suporte administrativo dos estágios é realizado pela Divisão de Apoio a Coordenação Acadêmica (DICA) responsável pelo “desenvolvimento de ações e atividades administrativas de atendimento à discentes, docentes, técnico-administrativos, gestores de ensino, pesquisa e extensão, direção do centro de ensino e público externo” (UFRB, 2016, p. 3) em parceria com os Colegiados de curso e professores de estágio.

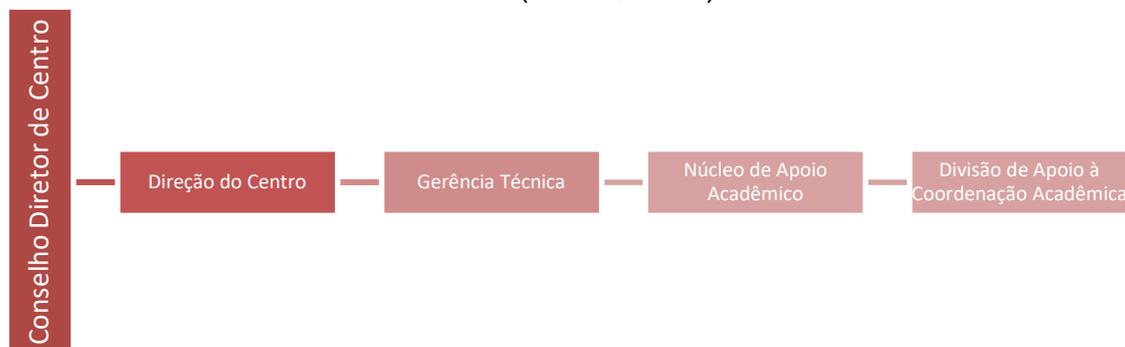
No que tange as suas atribuições no âmbito dos estágios a DICA é responsável por: confeccionar os Termos de Compromisso de Estágio (TCEs – Obrigatório ou não Obrigatório) e encaminhar para as devidas assinaturas; receber as solicitações de convênio de estágio e dar o devido encaminhamento; manter arquivo dos documentos (TCEs, normas, cartilhas) referentes aos estágios; intermediar a comunicação entre os agentes de integração - que são instituições intermediadoras no processo contratual entre Unidade Concedente - e Estagiário e o centro de ensino, com vistas a possibilitar a realização de estágios não-obrigatórios pelos discentes; divulgar e orientar os procedimentos, rotinas e padrões documentais relativos aos estágios obrigatórios e não-

obrigatórios no CCS; confeccionar Termos de Rescisão e Termos Aditivos aos Termos de Compromisso, encaminhando-os para as devidas assinaturas; receber solicitações, orientar e elaborar Cartas de Encaminhamento para realização de Práticas, bem como auxiliar na recepção e organização dos documentos dos discentes que são exigidos pelo local da prática; desenvolver e acompanhar planilha de controle de matriculados em disciplinas de estágio e da emissão de seus termos; atender e orientar as partes envolvidas na celebração dos Termos de Compromisso (docente, discente, colegiado, instituição concedente), a fim de viabilizar a formalização dos termos e, conseqüentemente, do estágio; atender as demandas administrativas normais que lhe são cabíveis, referente aos estágios, tais como: manutenção e atualização de e-mail, participação em reuniões, prestar informações, dar encaminhamentos, etc. (UFRB, 2016)

A DICA está ligada ao Núcleo de Apoio Acadêmico conforme figura abaixo:

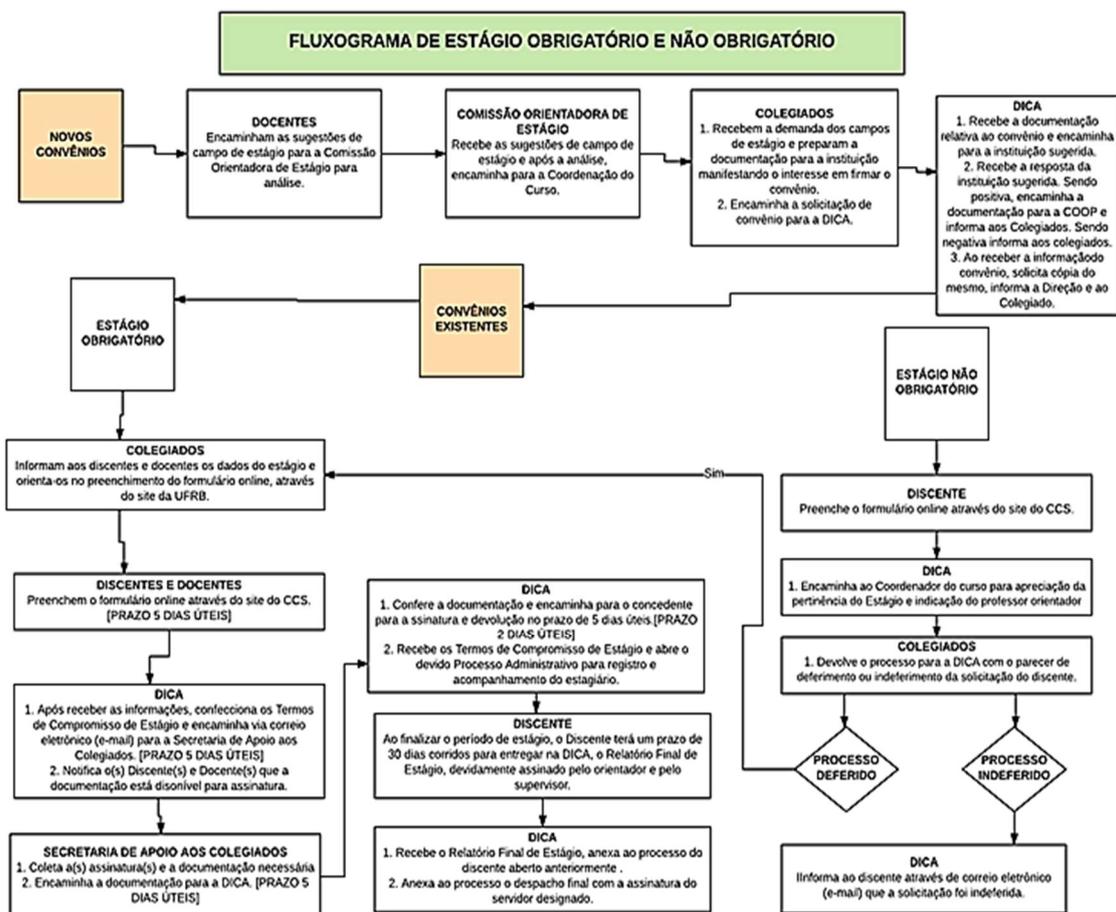
Figura 3 - Organograma da Divisão de Apoio a Coordenação Acadêmica (DICA)

Fonte: (UFRB, 2016)



A operacionalização dos estágios acontece de acordo com o fluxo representado na figura abaixo:

Figura 4 – Fluxograma de Estágio Obrigatório e Não Obrigatório



Fonte: (UFRB, 2016)

A definição dos fluxos de estágios no CCS foi criado para auxiliar os professores, estudantes e Colegiados de Curso na gestão desses processos e na compreensão do funcionamento dessas atividades como um todo.

4.3.4 O curso de Psicologia

O curso de Psicologia possui turmas vigentes relacionadas a dois Projetos Pedagógicos de Curso (PPC). Apenas as turmas do PPC aprovado em 2008 encontram-se cursando componentes curriculares de estágio do qual iremos tratar nesta pesquisa.

No PPC aprovado em 2014, o curso acontece em dois ciclos, primeiro o discente faz o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, que dura 3 (três) anos, e em seguida ele ingressa na terminalidade escolhida que é Psicologia e dura 3

(três) anos, completando um total de 6 anos de formação. São 748 (setecentos e quarenta e oito) horas de estágio e refere-se a ele como atividade profissionalizante, além de ser baseado na Diretriz Curricular Nacional (DCN), dos cursos de Psicologia em seu Art. 10º, que afirma que o curso deve ter *“um conjunto delimitado e articulado de competências e habilidades que configuram oportunidades de concentração de estudos e estágios em algum domínio da Psicologia”*.

O referido projeto permite ao graduando escolher uma ou as duas dentre as ênfases propostas, de acordo com o seu interesse, bem como a ênfase dos estágios a partir do segundo ciclo, correspondentes às ênfases escolhidas que são: Ênfase 1 - Psicologia e processos clínicos e Ênfase 2 - Psicologia em instituições de saúde .

No PPC 2008 a formação acontece através da entrada direta de estudantes no curso de Psicologia. A proposta de duração do curso é de 5 (cinco) anos e possui uma carga horária de estágios obrigatórios de 782 (setecentas e oitenta e duas) horas de estágio. Alguns componentes curriculares possuem atividades teórico-práticas que estão inseridas no curso a partir do 2º semestre com o objetivo de exercitar técnicas e manejar instrumentos oriundos da ciência psicológica. Estas atividades, juntamente com os componentes de conhecimento teórico, darão subsídios aos alunos para posteriormente iniciar as atividades de estágio.

Os estágios supervisionados do curso de Psicologia são divididos em Básicos e Específicos da Ênfase. Os estágios supervisionados básicos serão realizados nos 7º e 8º semestres e constituirão um conjunto de experiências diversificadas realizadas em instituições ou serviços de Psicologia que permitam o desenvolvimento integrado das competências e habilidades previstas no núcleo comum, permitindo que os conhecimentos concretizem-se em ações profissionais.

Os estágios supervisionados específicos da ênfase são realizados nos 9º e 10º semestres e constituem um conjunto de experiências diversificadas realizadas em instituições ou serviços de Psicologia que permitem o desenvolvimento integrado das competências e habilidades que definem cada ênfase proposta no curso, a saber: Psicologia e Processos Educativos e Psicologia Clínica e Promoção da Saúde.

É requisito para a conclusão de curso a apresentação e defesa de um relatório de estágio perante uma banca constituída por três examinadores entre eles o professor supervisor.

Os estágios em Psicologia só poderão ser supervisionados por professores regularmente inscritos nos Conselhos Regionais de Psicologia e que tenham pelo menos experiência profissional de dois anos. Os estágios supervisionados específicos das ênfases - Psicologia e Processos Educativos e Psicologia Clínica e Promoção da Saúde - podem ser realizados na clínica-escola do curso de Psicologia da UFRB, onde a população será atendida por estagiários em supervisão ou por docentes psicólogos.

De acordo com o PPC, semestralmente será instituída pelo Colegiado do Curso de Psicologia, uma comissão de professores para organização, orientação, acompanhamento e avaliação das atividades de estágio e de pesquisa relacionadas aos componentes curriculares.

Os cursos do CCS, incluindo o curso de Psicologia preveem em seus Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) os Estágios Não Obrigatórios que são desenvolvidos como atividade opcional, acrescida à carga horária regular e obrigatória (Lei 11.788/2008), independe da matrícula do estudante em componente curricular de Estágio, sendo compulsório o pagamento de bolsa ou outra forma de contraprestação e auxílio transporte, e sua carga horária pode ser contabilizada como Atividade Científico-Cultural (ACC).

5 RESULTADOS DA PESQUISA

Os resultados da pesquisa se apresentam através das narrativas de três discentes e quatro docentes, que trazem inúmeras reflexões, levando-nos ao alcance dos objetivos e a apresentação dos resultados através dos subtópicos a seguir que emergiram deste estudo. Em alguns trechos das narrativas foram substituídos nomes de pessoas e locais para preservar a identidade das partes envolvidas.

5.1 OS SUJEITOS DA PESQUISA E SUAS NARRATIVAS ACERCA DO TEMA

Os participantes desta pesquisa são professores ou estudantes do curso de Psicologia do Centro de Ciências da Saúde (CCS) que possuem experiência com estágios, os discentes como orientandos e os professores como orientadores. Alguns docentes compartilharam também as suas vivências com os estágios no momento de suas formações, considerando, reafirmando e ressignificando a inserção no mundo do trabalho a partir deste componente curricular com base em seus históricos da graduação. O perfil de tais sujeitos destaca-se pelo engajamento com as atividades de estágio e com o ensino/aprendizado, tentativa de propor melhorias no mundo do trabalho, principalmente no Sistema Único de Saúde (SUS), absorção de conteúdos e técnicas para lidar com os pacientes, aprendizado sobre relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho e capacidade de inovar em meio as dificuldades encontradas no campo de estágio em vários aspectos.

“...eu acho que a gente precisa fazer o que a gente ama fazer! Então eu já gostava, eu já queria isso, então quando chegou o meu momento de prestar o vestibular de fazer o ENEM eu já queria isso, minha família sabia, todo mundo me apoiou e a minha motivação foi desejo mesmo por estudar.” (Discente A)

Perceber uma tendência durante a escolha de uma profissão é algo que pode acontecer desde criança, isso facilita no momento de prestar os exames e definir em qual área o indivíduo possui mais inclinação. A Discente A, relata quando perguntada sobre o que a levou a escolher o curso de Psicologia, que sempre pensou nesta opção. Este desejo aliado ao apoio da família com certeza a impulsionou para o ingresso no curso desejado.

“Afinidade com o curso! Já tenho uma formação anterior que é em Letras, mas a minha opção inicial sempre foi em Psicologia! Na época que, antes do REUNI, da época da interiorização, a gente não tinha essa possibilidade de fazer um curso dessa natureza aqui na região, só tinha as licenciaturas aqui na UNEB e o curso de Administração, então eu fiz Letras e deixei pra depois esse sonho, essa vontade, esse desejo que era o real. E pra capital não era possível diante da minha realidade econômica, da realidade da minha família, então por isso!” (Discente B)

Ao ler este depoimento podemos identificar o quão é diversificado o perfil dos estudantes da UFRB, o quanto esta é uma instituição importante para a região que está inserida e sua importância para a sociedade local ao oferecer oportunidades de formação de novos profissionais para pessoas que encontravam inúmeras dificuldades para obter essa formação no cenário do recôncavo da Bahia antes da UFRB ser implantada.

“Então, por já ter uma graduação anterior eu também já estou inserida no mercado de trabalho há um bom tempo, então eu ingressei no curso já tendo uma profissão, eu era professora da Rede Estadual e conciliando, e também já com família, eu já tinha os filhos, então foi um processo longo! No meio do caminho acabei passando num concurso também pra UFRB, concurso pra técnico administrativo e todas essas tentativas de conciliar tanta coisa acabaram me fazendo levar um tempo maior... Então foi uma trajetória longa e complicada por questões pessoais, a Universidade é um pouco distante do Centro isso também acaba atrapalhando, eu também não morava na mesma cidade, o curso ser diurno também pra conciliar com o trabalho acabou sendo complicado. Enquanto professora deu, enquanto técnica já não deu, então foi um processo longo e complicado mas, a ser finalizado.”
(Discente B)

A partir desta fala, detectamos o quanto a organização dos componentes curriculares influencia na permanência dos estudantes na Universidade. Ao criar um projeto pedagógico de um curso, deve-se realizar um estudo sobre vários aspectos que envolverão a respectiva formação inclusive o perfil social dos futuros ingressantes. Um curso diurno, sem turno específico dificulta a entrada de pessoas que precisam trabalhar e sustentar suas famílias, já que os horários de aulas são incompatíveis com os horários comuns de trabalho da maioria das empresas da região que se destaca, no caso de Santo Antonio de Jesus, pelo comércio.

A fala abaixo representa a influência familiar na escolha profissional e na formação e construção identitária dos discentes:

“Na verdade, eu não consigo entender bem isso ainda não sabe? Porque assim...a minha família é uma família de advogados, é uma família que naturalmente eu faria direito né?! Naturalmente no sentido bem entre aspas da palavra! Mas quando eu fui pra Salvador fazer cursinho eu entrei em contato com outras realidades que me fizeram perceber que aquilo não era o que eu queria pra minha vida embora eu acredito que eu me desse bem nessa área, mas eu bem que dei uma desbirocada aí eu fui fazer produção cultural, acabei passando em produção cultural mas minha mãe não me deixou cursar! Aí eu tive que voltar pra Santo Antonio e surgiu a oportunidade do BIS, aí eu fiz o BIS pensando em transferir já pra Psicologia. Só que quando eu entrei no

BIS eu amei o BIS e aí eu fiquei, mas pensando sempre que seria realmente Psicologia, sendo de Humanas, porque eu sabia, eu tinha certeza que eu era de Humanas, nunca faria uma Medicina, uma Enfermagem, uma Nutrição da vida, realmente eu não me daria bem nessa área e aí eu fui pra Psicologia por isso, eu tinha muitos amigos de Psicologia, eu era da banda de Psicologia na Universidade que era Psicodélicos, então as coisas foram descamando por esse lado de assim...entender que era alí onde eu me encaixaria melhor” (Discente C)

“...mas eu também fui do movimento estudantil então pra mim é inegável a consciência política que eu criei aqui dentro da Universidade. Eu já era meio inclinada a essas questões mas quando você entra na Universidade e entra em contato com essas coisas com o passa-passa e com o modo de fazer, você começa a se organizar e entender como as coisas funcionam e o que é que você pode fazer pra aquilo dar certo de fato. Ao invés de só ir pra rua gritar alí, tem um antes que todo precisa né e que é político e que é política então eu aprendi a fazer isso aqui na UFRB.” (Discente C)

A discente C relata também acima, a importância da Universidade para fortalecê-la enquanto cidadã consciente, reivindicadora de seus direitos e das lutas sociais. Uma jovem com influência e estrutura familiar para realizar um curso diferente, mas que optou seguir o caminho para o qual tinha mais afinidade, que encontrou na UFRB incentivos culturais e identificação com causas estudantis sociais que refletirão no seu exercício profissional e no seu comportamento após a graduação.

“...eu sou psicóloga, tenho mestrado e doutorado na área de neurociência e neuropsicologia clínica. Tô aqui na UFRB vai fazer 3 anos em maio do próximo ano como orientadora de estágio eu tenho uma experiência de 5 anos nas faculdade que eu dava aula antes da UFRB e agora eu vou pra o segundo semestre aqui na UFRB como supervisora de estágio.” (Docente A)

A docente A relata que na UFRB encontrou a oportunidade de ser professora de estágios e participar desta etapa da formação dos estudantes. Analisando as falas acima percebemos que os sujeitos da pesquisa possuem perfis e vínculos diferentes com o Centro de Ciências da Saúde (CCS). Das três estudantes entrevistadas uma tratava-se de uma trabalhadora, divorciada com filhos e duas jovens, uma com a certeza de sua escolha profissional e apoiada pela família e outra que contrariou uma tradição familiar de formação profissional e engajou-se no movimento estudantil durante o curso.

5.2 OS ESTÁGIOS NO ÂMBITO ESTRUTURAL E ORGANIZACIONAL

Para que os discentes tenham uma experiência satisfatória as Universidades precisam oferecer uma estrutura física e organizacional para a realização dos estágios. Precisam ter bem claros e definidos as regras, os fluxos dos procedimentos, servidores técnicos e docentes preparados para oferecer informações necessárias, tirar dúvidas dos discentes e realizar uma articulação eficiente e eficaz com os campos de estágio. As narrativas abaixo nos ajudam a compreender a percepção dos participantes da pesquisa sobre este aspecto:

“...a UFRB oferece um espaço específico pra o curso de Psicologia que é o Serviço, o que facilita. Antes desse espaço era mais complicado se inserir nos espaços.” (Discente B)

Oferecer um Serviço de Psicologia é um facilitador para a realização dos estágios na área. Segundo o site do Centro de Ciências da Saúde:

“o Serviço de Psicologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) iniciou suas atividades junto à comunidade em 2011 e oferece atendimento psicológico gratuito em diferentes modalidades à comunidade de Santo Antônio de Jesus e cidades vizinhas. Funciona como uma clínica-escola, através da realização de estágios supervisionados, projetos de pesquisa e extensão que visam proporcionar, aos alunos em formação, experiência prática em atendimento psicológico de acordo com o planejamento acadêmico vigente.”

O Serviço atende pessoas de toda a região do Recôncavo da Bahia, priorizando as pessoas de baixa renda em atendimento ao compromisso com a responsabilidade social da Instituição. Porém, os estagiários que não realizam suas atividades no Serviço de Psicologia superam aspectos dificultadores com o apoio dos docentes como relatado abaixo:

“Bom, a orientação e a supervisão eu acho que devem se dar como se estabelece, mas eu acho também que é preciso que existam mecanismos pra garantir que essa orientação e essa supervisão existam e aconteçam de fato. Porque não foi o meu caso, mas em alguns cursos e algumas situações a gente tem conhecimento de falta de orientação, de alunos que não recebem a orientação adequada e que também vão pra campo sem supervisão, então isso é bem complicado. Mecanismos que garantam que realmente isso esteja acontecendo.” (Discente B)

“Eu acabo pensando, pra mim existe só uma figura como orientador e supervisor nesse sentido e acho que ele consegue dá conta de ambas as coisas, a gente toda semana tem que entregar um diário de campo,

onde a gente fala tudo que aconteceu naquela semana como foi a nossa prática... então ele acaba sendo, ocupando as duas funções.” (Discente A)

“Bom, aqui a gente não teve supervisor porque como a gente tem o...eu pelo menos na minha experiência, eu não tive supervisor. Quem fez esse papel foi a própria orientadora. E assim, a relação foi de troca, a relação foi de...foi uma relação mesmo de ajuda, de suporte.” (Discente B)

“Eu te juro que eu gostaria muito que houvesse um supervisor como tá de fato na Lei, mas eu vejo assim que a gente tem uma questão que é muito assim pragmática que é o supervisor, no caso que estaria ali no serviço ele não é pago, a gente não tem dinheiro pra pagar a supervisor, pelo menos não na realidade da Psicologia” (Docente C)

Uma das exigências legais que mais encontra-se dificuldade de atendimento é a supervisão no campo de estágio por um profissional com formação na área do educando, o que faz com que os professores sejam responsáveis além da orientação que está dentro de sua função enquanto professor, também da supervisão de forma a garantir que os estágios ocorram de maneira responsável e comprometida com a qualidade da formação.

“Eu acho que a UFRB tem feito sua parte, principalmente no tocante a garantir o campo, principalmente o curso de Psicologia como eu já disse, de ter um espaço específico já é bem um avanço não é? Então eu acho que é realmente criar esses mecanismos de controle, ampliar as possibilidades de orientação, a variedade de campos pra orientação, ter um cuidado mais individualizado, respeitando é claro as possibilidade da Universidade, dos professores disponíveis mas ter um planejamento melhor.” (Discente B)

A necessidade de se estabelecer novas parcerias para a realização dos estágios é algo que precisa ser estudado e articulado junto as atuais instituições parceiras e planejado dentro dos Colegiado de forma a captar novos espaços e vagas de estágios para que se possibilite novas experiências profissionais que poderão contribuir inclusive para que os estudantes definam melhor suas áreas de atuação dentro do campo da Psicologia.

“a proposta de estágio era um atendimento que acontecesse como se fosse uma equipe multiprofissional só que a gente percebeu que o psicólogo não tinha espaço na Unidade de Saúde então nunca tinha sala pra a gente, nunca tinha espaço pra a gente, então teve momentos que eu tive que atender do lado de fora, teve momentos que eu tive que pegar duas cadeiras e ir pra um cantinho assim do lado de fora mesmo da Unidade, então no caso, eu só posso falar de mim, eu tive que rebolar pra poder fazer acontecer o estágio” (Discente A)

“Eu acho na verdade que também é pouco né, que a gente poderia já ter avançado mais, mas paciência né, nós somos uma Universidade

nova e a gente precisa dar as devidas proporções. Mas eu acredito muito no que vocês fazem. Eu acho que poderia ter mais professores, aí já é uma parte mais acadêmica, eu acho que a quantidade de professores que oferta estágio básico, e de teorias que existem na Psicologia não bate, a conta não bate, é insuficiente!” (Discente C)

A discente relata uma das dificuldades encontradas quando os estágios são realizados fora da Universidade. Encontrar espaços para atendimento aos pacientes e falta de material é um aspecto dificultador que implica diretamente na qualidade do que está sendo realizado e proposto.

A discente B relata que quando os estágios são realizados dentro do Serviço de Psicologia da UFRB os estagiários encontram uma infra-estrutura satisfatória, conforme o depoimento: “Já no Básico 1 foi no Serviço de Psicologia aqui da UFRB mesmo, que foi bem diferente porque tem toda uma estrutura preparada”

“Eu acho que esse aporte teórico já é fundamental, esse aporte que o DICA dá por exemplo de a gente vim aqui, ter que assinar os Termos de Compromisso né? Tem professor que não...acho que quem tinha que fazer isso antes era o professor né? Ficar correndo atrás disso não sei. Mas, eu acho que esse suporte é fundamental!” (Discente C)

A partir da fala acima podemos perceber a relevância da existência de um setor administrativo que trate dos estágios em cada campus considerando que a documentação dos estágios exige tempo e conhecimento específico para elaboração e encaminhamentos necessários para que os discentes possam iniciar suas atividades.

“Eu gostaria assim, pra minha área, a gente não tem estrutura nenhuma pra área de Neuropsicologia. Os instrumentos que a gente vai usar eu comprei todos eles, porque não tinha nenhum.” (Docente A)

“Pois é...e aí, ou eu tocava o estágio e dava o mínimo de qualidade pra os alunos, ou eu não fazia. E aí eu optei por fazer, então assim não tem estrutura, não tem os instrumentos a gente não tem recurso computacional porque a gente na reabilitação usa muito computador, softwares. O ambiente assim eu acho que é bom, o Serviço de Psicologia tem umas salas muito boas, eu acho que é bem bacana, isso é legal e também eu acho que a própria cultura do curso de Psicologia sabe, que as vezes dificulta um pouco, o não conhecer, sempre essa limitação é do não conhecimento e aí não entende nem quem que pode encaminhar, quem não pode encaminhar, pra quê que serve. Mas a limitação maior pra mim, é realmente de recurso, de estrutura que não tem.” (Docente A)

Viabilizar estágios em novas áreas exige também um planejamento que atenda as demandas deste novo campo. Conforme narrativas percebemos a

necessidade e interesse dos estudantes em novas experiências, porém a falta de infra-estrutura é aparente e gera impecílios para que se implemente estas novas vagas de estágio.

“...falta de uma gerência de estágio pra articular mais a relação da Universidade com as instituições, principalmente as instituições municipais e estaduais da região” (Docente B)

“...mas esses processos todos em geral ficam muito alheios ao que é mais importante no estágio que é o processo de aprendizado do aluno e a inserção do sujeito na realidade.” (Docente B)

A docente B destaca a importância de uma gerência de estágios mais atuante na relação entre a Universidade e as Unidades Concedentes de forma a despertar o interesse e a visão colaborativa destas instituições e profissionais atuantes para novas formações. Há também uma crítica relacionada aos procedimentos internos que soluciona questões administrativas mas não propicia uma avaliação relacionada ao processo de aprendizado dos estudantes.

5.3 OS ESTÁGIOS NO ÂMBITO CURRICULAR E SUA CONCEPÇÃO

A disposição dos estágios no currículo do curso de Psicologia, tanto no PPC 2008 quanto no PPC 2014, já o compreende a partir da concepção baseada na superação da dicotomia entre atividade teórica e atividade prática. Os estudantes conseguem conhecer e se aproximar da realidade em que estão inseridos propondo mudanças, situações, estudos e estratégias para sua formação profissional através da prática.

Algumas mudanças necessárias observadas no currículo de 2008 no âmbito dos estágios talvez tenham se mantido no currículo novo, porém para identificá-las será necessária uma nova avaliação após as primeiras turmas de estágio do currículo novo, cursarem os referidos componentes curriculares.

“...talvez uma disciplina que focasse mais no CAPES, nas instâncias mesmo de cuidado psicossocial pra que quando a gente chegue lá pra o estágio a gente tenha essa base porque querendo ou não, no Supervisionado 1 a gente estuda isso mas a gente já tá meio que direcionado pra prática. Então, eu acho que na verdade o Supervisionado, o Estágio Supervisionado ele já dá esse embasamento, é continuado mas os dois primeiros que são os dois básicos não, você já chega, você tem pouco tempo pra estudar o

campo que você vai e aí você já tem que ir pra o campo. Então, talvez pensar alguma outra maneira, sei lá, um curso de férias mesmo que seja reduzido mas que dê um embasamento melhor pra o campo que você vai estagiar algo assim nesse sentido. Acho que pra o estágio Supervisionado não precisa tanto, mas pra o Básico assim, pelo menos de um dia sabe, dois dias pra focar naquilo aí, explicar qual é o campo mesmo, eu acho que isso.” (Discente A)

“...talvez a UFRB pudesse ofertar mais opções de estágio. Porque a gente chega em um momento do curso que a gente escolhe ênfase em saúde ou ênfase em educação e aí de acordo com a ênfase você vai fazer o estágio supervisionado não é, mas eu acho que talvez uma prática, um estágio mais diferente, em um ambiente que não é tão comum, seria interessante também.” (Discente A)

A narrativa da discente A, traz novamente a questão de ofertas de estágio em áreas menos comuns da atuação do Psicólogo para fortalecer a decisão dos estagiários sobre sua atuação profissional, além de possibilitar antes da inserção no campo um estudo sobre o *locus* do desenvolvimento das atividades. Existem inúmeros benefícios para os estudantes, professores e supervisores quando o estudante vai para campo conhecendo a história daquele lugar, o perfil dos pacientes e trabalhadores e as dificuldades que poderão encontrar, que vão desde a preparação pessoal e emocional para o enfrentamento das diversas situações que poderão encontrar à montagem de estratégias de criação de vínculos com os pacientes e supervisores.

“...eu ainda tô sob a vigência do currículo antigo, então ele realmente precisava de mais atividades práticas, ele precisava de questões mais de humanização mesmo, questões menos técnicas e mais de vivência...”(Discente B)

“Mas eu acho que o ideal é isso de que a gente tenha um tempo de preparo de maturação de cuidado antes de partir pra prática, até porque nos componentes, a prática foi algo que faltou.” (Discente B)

“Bom, o desafio é esse né, de entrar numa sala pra clínica, pra... primeiro, muitas pessoas não conseguem escolher a abordagem com a qual se identificam pela questão que alguns orientadores... e a gente vai pegando orientador por escote, ou por algumas outras questões e aí é complicado pra o aluno que acaba ficando com a abordagem que é diferente da sua afinidade. Construir o TCC junto com a execução do estágio, é complicado também. Então são os maiores desafios eu acho.” (Discente B)

A maneira como os estudantes são selecionados para orientação também pode ser considerada um pouco rudimentar. Talvez criar novos critérios e estratégias para que esta rotatividade possa acontecer de acordo com a afinidade dos estudantes e as áreas seja interessante.

“Tem sido bem proveitosa, enriquecedora, porque até o sexto semestre que é quando a gente ainda não entrou em contato com nada prático na Universidade, na Psicologia a gente fica assim meio solto né e quando você começa a estudar e começa a ir pra prática e aquilo vai fazendo todo o sentido é muito mais interessante né?! Eu já fiz o BI que é o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, eu venho do BI e o BI tinha uma carga horária prática muito alta então eu desde o primeiro semestre do BI eu já participava do PAR que é Processo de Apropriação da Realidade que é um componente enorme no BI e de prática universitária na comunidade e eu senti muita falta disso em Psicologia realmente achei que a parte de estágios é meio curta e não dá conta do tanto de coisa que a gente pode entrar em contato na Universidade nessa parte prática” (Discente C)

Os estudantes oriundos do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde possuem uma formação primária diferente, eles vivenciam um currículo baseado na formação em ciclos, com componentes curriculares que propiciam o contato com a realidade desde os primeiros semestres, ou seja, eles entram no curso de Psicologia esperando esse mesmo contato só que voltado para a Psicologia.

“Eu acho que a gente poderia entrar em contato com isso antes, antes do sétimo semestre lá pelo quinto de repente, ter mais estágios, não sei mas enfim né, são modos de currículo e tem que respeitar né?” (Discente C)

“...a responsabilidade que o estudante ganha, na Psicologia o instrumento de trabalho é a gente mesmo né? Então a gente vai lidar com gente, então se a gente entra num curso e a gente fica esse tempo todo sem lidar com gente, fica difícil né!” (Discente C)

Mais uma vez as narrativas reforçam a necessidade do contato com a realidade no início do curso:

“Eu colocaria mais professores nos estágios e eu colocaria o estágio pra mais cedo, pra acontecer mais cedo porque o que a gente vê na Universidade é um prática muito...uma teoria muito desvinculada da prática ou uma prática muito desvinculada da teoria, eu acho que é isso!” (Discente C)

“...eu vejo algumas limitações por exemplo, a gente tem o estágio básico que é 7º e 8º e o Supervisionado que é no 9º e 10º. Só que não tem uma diferenciação muito clara na prática do quê que é o básico e o quê que é o Supervisionado entendeu? Então tem campos do Básico que vira Supervisionado, e tem campos do Supervisionado que vira Básico. Então é um mistura, eu acho isso bastante complicado porque o propósito dos dois é bem diferente” (Docente A)

“...tem uma coisa que seria muito importante que é elas terem conhecimento teórico mais aprofundado, isso pra mim seria uma condição muito importante porque se você chega pra uma turma que já tem o conhecimento teórico aprofundado você já vai pra o atendimento, então você faz uma rápida revisão, porque assim, quando eu pego as alunas, como elas tem o conhecimento muito superficial da teórica, o que é que acontece, eu preciso acabar discutindo toda a

teoria... eu perco muito tempo nisso ainda mais porque geralmente a gente tem um grupo grande de alunas ou de alunos e eles estão em níveis diferentes de conhecimento, meio que você tem que nivelar todo mundo” (Docente D)

A professora D levanta a necessidade do aprofundamento teórico relacionado a alguns componentes curriculares que são pré-requisitos para o início do estágio. Ela relata que essa carência atualmente é suprida em detrimento do período que o estudante entra no campo de estágio, o que é feito somente após um estudo aprofundado que já deveria ter sido realizado.

“...como eu digo sempre aos alunos ter uma junção entre a técnica e a política como um profissional se precisa ter um domínio técnico e um domínio político se ele tiver só o domínio político ele vai se destruir, se ele tiver só o domínio técnico, no meu ponto de vista ele consegue entrar pela via política quase que como consequência, porque quando você mostra o que você faz, a diferença que você faz na instituição quase que automaticamente você mexe com política, agora o contrário nem sempre é verdadeiro. E a gente tem construído muitos profissionais, principalmente na área da saúde extremamente politizados, mas extremamente fragilizados na técnica, então ele fica no discurso, mas não mostra a que veio.” (Docente B)

A docente B, destaca a importância para a educação técnica e política e que as duas precisam estar atreladas, porém, o conhecimento técnico, segundo ela, é fundamental para o bom desempenho do estudante no mundo do trabalho.

“Bem, a primeira coisa que eu vejo frágil no estágio de Psicologia é o estágio básico que ele é dividido em básico I e II e são dois momentos distintos com professores distintos. Então, no meu ponto de vista ali não é um estágio porque não tem... não é construído especificamente alguma coisa, o aluno pouco tem chance de colocar alguma coisa em prática porque quando começa o estágio ele já tá terminando e o outro semestre começa a mesma coisa em outro lugar, com outro professor, com outra abordagem teórica.” (Docente B)

Percebemos após a leitura e compreensão dessas narrativas algumas questões a serem observadas em relação ao currículo do curso. A formação técnica aliada a formação política precisa ser fortalecida, o contato do estudante com a realidade profissional precisa ocorrer no início do curso, mudança no critério de seleção e distribuição dos estudantes junto aos orientadores, aprofundamento teórico nos semestres anteriores aos do estágio e conhecimento antecipado sobre o cenário da instituição concedente.

5.4 OS ESTÁGIOS NO ÂMBITO POLÍTICO

Politicamente os estágios representam e alimentam a relação da Universidade com a sociedade, por isso através destas atividades podemos avaliar esta relação ou podemos fortalecer essa relação para que os estágios aconteçam de forma articulada.

“Eu acho que a UFRB talvez ela precise dar um suporte maior ao estudante, por exemplo, enquanto a gente tá aqui dentro, é muito cômodo pra a gente, é muito seguro pra a gente, e quando a gente sai daqui pra estagiar, a gente vai as vezes pra comunidades mais perigosas, a gente vai pra lugares que a vezes a gente precisa se aliar, entre aspas, a uma determinada facção, alguma coisa que lhe proteja naquele lugar, a gente vai conhecer pessoas que a gente não conhece, a gente vai acabar, se inserindo num ambiente totalmente desconhecido, principalmente porque a maioria dos estudantes da UFRB não são de Santo Antonio de Jesus e não conhecem os bairros... uma amiga minha muito de perto, ela tava estagiando e ela foi assaltada na comunidade em que ela estava e pra ela foi terrível, muito ruim porque ela não podia ir embora, ela não podia simplesmente largar o está e dizer não vou vim mais aqui, ela não podia fazer isso. Em contrapartida, quem estava supervisionando ela, quem estava orientando ela, não deu o suporte que ela precisava e ela teve que vencer o medo dela, por ela mesma, então ela teve que voltar lá, aí teve toda essa questão que algumas pessoas da comunidade mesmo se sentiram na obrigação de se responsabilizar por ela.” (Discente A)

Tomar conhecimento de que o aumento da violência na sociedade atinge os estudantes em estágio é algo que precisa ser discutido em todos os âmbitos da sociedade, inclusive dentro da Universidade é necessário pensar: O que podemos fazer para combater essa violência? Como proteger os estudantes que exercem suas atividades fora dos muros da Universidade? Como podemos dialogar com as autoridades locais para pensar em ações educativas de combate a violência? De que forma podemos contribuir? Existem exemplos de outras cidades e Universidades que tem esse olhar, como eles lidam com esse tipo de situação?

“...pra Neuropsicologia por exemplo, seria interessantíssimo se a gente tivesse um convênio com o Hospital por exemplo, com uma unidade de Neurologia, pra os alunos também poderem fazer a avaliação lá entende, o que eu vejo bastante difícil assim, foi tentando algumas coisas da Direção junto com o Hospital Regional mas parece que não vai, não sei o que acontece exatamente.” (Docente A)

O estabelecimento de convênios é exigência da UFRB e a Universidade pode ampliar a quantidade de parcerias para proporcionar aos estudantes novos campos e vagas de estágios.

“Eu acho que você vai dar a oportunidade a gente de conversar, porque a gente conversa muito pouco. Por exemplo, fica “professor X” no quadradinho dela, “professor Y” no quadradinho dele e a gente não conversa, não é que a gente é inimigo não é isso, é uma conversa sobre a estrutura a dinâmica. Talvez você vai oportunizar isso pra a gente!” (Docente A)

Analisar os estágios no aspecto político é algo muito amplo. Encontramos situações que representam a carência desta articulação não apenas entre a Universidade e instituições parceiras, não apenas nos setores da UFRB, vemos a importância desse fortalecimento dentro do próprio colegiado. Os estágios têm despertado nos docentes a necessidade do diálogo, a pesquisa conjunta, a articulação e o compartilhamento de suas ações, principalmente porque muitos docentes dividem o mesmo campo de estágio para outras atividades como extensão e sabemos do potencial dessa articulação intra-colegiado e o quanto esta parceria pode beneficiar todos os envolvidos nesta atividade.

“...ter uma integração maior, que a gente precisasse discutir, conhecer os estágios que os outros fazem, aonde fazem, como estão fazendo, que talvez a gente pudesse encontrar estratégias de fazer estágios conjuntos.” (Docente D)

“eu acho que o que a UFRB precise fazer mais é tá inserida nos espaços de poder, nas políticas não é, eu acho que infelizmente tudo é política e eu sei como professora desse centro por exemplo, aí eu vou falar mais referenciada nele, que a gente tem espaço nos lugares e a gente não respeita esses espaços. Por anos a gente teve assento, não sei como é que tá isso hoje, mas a gente teve assento no Hospital Regional e a pessoa que representava a Universidade lá desse centro nunca ia pras reuniões. Que nos comitês de Mortalidade Infantil, nesses comitês de prefeituras, a gente precisa participar deles, muitos deles tem um representante da UFRB que nunca vai pras reuniões então como que a gente quer não é, ter campos de estágio, sermos bem recebidos se a gente não trata a cidade com respeito? Pra mim isso é uma questão de respeito. Então a gente precisa rever isso não é, e cobrar das pessoas que são nomeadas para serem representantes da UFRB junto as prefeituras de todas as cidades. Porque se a gente não faz isso a gente tá minando o nosso próprio campo. Aí fica um só professor cavando aqui, outro professor cavando alí não é, a gente consegue, um consegue, outro consegue, o outro vai alí e detona, aí cria um problema, o outro vai alí e cria outro problema e isso é uma questão institucional e afeta todo mundo, todo mundo. Se você tiver um problema sério como professor/supervisor de estágio, orientador de estágio, numa escola, por exemplo, você vai acabar prejudicando todos os outros professores que tem estágio em escola; tu tá entendendo? Então isso é um complicador, então eu acho que tem que ser uma coisa institucional, nós temos que tá nas representações, aqui não tem conselho de educação? Precisa ter um representante lá, hoje não, no de saúde, a gente precisa tá nesses espaços discutindo, trazendo nossas contribuições, levando conhecimento, discutindo, aprendendo com eles porque a prática é outra coisa, o modo, o modelo do SUS disso e daquilo a gente também tem que aprender..” (Docente D)

O posicionamento político da Universidade e a ocupação dos espaços políticos que lhe é conferido nos diversos órgãos e representações é significativo e precisa ser ocupado com qualidade e engajamento para garantir a participação na criação de políticas, discussão e avaliação de ações e contribuição nos debates com o compartilhamento da produção do conhecimento realizado no mundo acadêmico, fortalecendo a imagem e a importância da UFRB para a região que está inserida.

“...UFRB tem uma entrada muito precária nas instituições da cidade de Santo Antonio, principalmente as instituições públicas e de saúde, alguma coisa aconteceu no surgimento da Universidade aqui e gerou uma resistência muito grande nas instituições de um modo geral inclusive com muitos atritos nas relações e como isso implica em relações políticas, acordos e tal, eu penso que a gente ainda tem muito que caminhar aqui pra abrir esses espaços porque eles são restritos, as pessoas são...quando se chega nas instituições as pessoas não acolhem com muita credibilidade, a maioria tem um tipo de resistência, não vêem a Universidade como parceira. Isso gera alguns problemas porque como o estágio tem um tempo delimitado até quebrar algumas resistências, seduzir algumas figuras, aí já passou metade do estágio praticamente e aí é bem prejudicial pra os estudantes...” (Docente B)

“Eu acho que tem a ver com o estabelecimento de uma política mesmo, institucional de pensar, formulários, protocolos, dinâmicas de entrada, de permanência, pensar o estágio, mesmo com as suas, idiosincrasias, especificidades, pensar o estágio de uma maneira geral e mais especificamente aqui no CCS.” (Docente C)

As falas dos docentes B e C relatam o quanto a relação da UFRB com os campos de estágio estão fragilizadas e mostram que a instituição precisa despertar para esta situação que afeta diretamente a atividade de estágio e a qualidade do aprendizado do estudante que precisa se sentir seguro em todos os sentidos para desenvolver sua prática.

5.5 OS ESTÁGIOS NO ÂMBITO LEGAL

Os três discentes entrevistados declararam não conhecerem a Lei de estágios e os quatro docentes informaram que a conhecem superficialmente.

“Eu acho que algumas têm alguns exageros, mas eu acho que de qualquer forma mesmo com exageros ela acaba orientando, dando norte, do que fazer, porque se não tiver isso você também fica muito perdido.” (Docente D)

O desconhecimento da Lei de Estágio, norteadora de tais atividades não deve prevalecer, pois desta forma, os professores e estudantes que desenvolvem tais atividades podem infringí-la e trazer ônus para a Instituição de Ensino e para a Unidade Concedente. A Lei foi criada para proteger todos os envolvidos nas atividades e combater a precariedade do estágio que historicamente já foi utilizado para que os estudantes substituíssem profissionais formados sem o devido reconhecimento, causando impactos no mundo do trabalho.

“Eu acho que ela é importante, ela normatiza, ela regulariza não é? Não lembro agora se tem algum exagero mais específico assim. O que eu digo de exagero? É quando cria uma burocracia sobre-humana as vezes né que traz um complicador, mas eu acho que é importante. Importante inclusive pra imagem da Universidade não é?” (Docente D)

“Mas eu acho que tem que ter normativa. A gente tem que se adequar, tentar desburocratizar o máximo possível mas eu acho que tem uma coisa porque ela vai proteger a instituição, ela tem uma coisa de proteção da instituição e eu acho que isso precisa ter por que senão qualquer um faz qualquer coisa e a instituição fica aí sendo aviltada, sendo vista de maneira negativa porque a gente não cuidou de quem tá aonde está.” (Docente D)

“Eu sempre achei essa Lei muito voltada pra o mercado de trabalho, muito pra setor privado, é como se não contemplasse essa realidade que a gente vive no campo de estágio aqui, é como se trabalhasse só com o setor privado e com o setor público de formação profissional dentro de uma universidade pública não fosse muito contemplado, é como se não tivesse ali, a gente pudesse fazer uma relação com, mas precisasse ter um adendo mais direto sabe.” (Docente C)

Na opinião dos docentes D e C a Lei de Estágio burocratiza demasiadamente a operacionalização dos estágios, porém é necessária e traz segurança para os indivíduos. O docente C afirma que a Lei de Estágio se aplica necessariamente para o mercado de trabalho, não observando questões pedagógicas dos estágios por exemplo.

5.6 A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOS ESTUDANTES

Como os estudantes e professores compreendem o que se faz no estágio, o que é o estágio e sua contribuição para a formação profissional dos educandos implica diretamente na qualidade da experiência formativa de cada um.

“...todas as aulas não era uma vez ou outra e essas experiências trazem pra mim um novo olhar pra Psicologia que a gente não precisa de uma sala fechada pra exercer a nossa profissão, pelo contrário a gente precisa fazer lugares onde não existem, que foi isso que eu acabei fazer no meu estágio. Eu não tinha lugar pra fazer então tá, vamos fazer de alguma maneira, eu não vou ficar esperando alguém disponibilizar uma sala pra mim então vamos fazer acontecer esse negócio e pra mim a experiência do curso, pensando bem no geral, é um curso muito humanizado nesse sentido de escuta, de possibilitar outras experiências, outras vivências não só dentro da sala de aula e isso pra a gente que tá estudando, que vai ingressar no mundo do trabalho, é muito importante pra a gente pensar numa prática diferenciada.” (Discente A)

“Então, a princípio há um pouco de receio, mas depois a gente começa a praticar o que a gente já estudou, então quando a gente tem esse embasamento teórico e que na prática, a gente consegue transferir pra prática, no caso aí é mais fácil e a gente vai desenrolando algumas coisas e vai também criando experiências pra quando a gente sair realmente como profissional poder atuar lá fora.” (Discente A)

Experienciar os estágios é proporcionar o contato com a realidade, é levar os estudantes a conhecerem o mundo do trabalho e como ele irá se comportar nesse mundo, criando referências se constituindo como profissional.

“...enquanto a gente tá só na teoria é muito complicado você vislumbrar como vai ser a sua prática, quando você se formar e sair daqui, mas os estágios eles já dão um panorama melhor do que é que você vai encontrar lá fora, como é que deve ser a sua prática, e pensar também principalmente no caso de Psicologia né, qual a abordagem que você vai seguir, começar a pensar sobre isso né, qual é a abordagem, qual é o campo mesmo que você quer atuar, então eu acho que os estágios dão um panorama melhor em relação a isso.” (Discente A)

“...é repensar mesmo qual é a nossa função, o que é que a gente tá fazendo aí, porque tem muitas práticas que são totalmente o inverso do que deveriam ser, e aí nesse sentido a gente tem que repensar qual o profissional que a gente quer ser. Se a gente quer ser igual aos que estão lá já, fazendo uma prática que você não concorda enquanto tá na Universidade, ou se você realmente vai bancar ser diferente, bancar ter uma postura diferenciada mesmo que a maré corra ao contrário.” (Discente A)

As referências encontradas pelos discentes no mundo do trabalho que estão vivenciando ainda como aprendizes poderão ser negativas ou positivas e mesmo quando são negativas podem se apresentar como referência do que o estudante não quer se tornar ou exercer enquanto profissional:

“...a gente aprende muito também, a gente não sabe tudo e nem eles que são profissionais sabem tudo então é uma mão de via dupla né. A gente aprende muito com...aprende de duas formas, aprende o que você quer fazer, tipo ah isso aqui é bom, isso aqui eu vou fazer também, a gente também aprende o que a gente não quer fazer, não eu não concordo com isso, eu também não quero fazer...” (Discente A)

“Ter uma vivência que me permitisse perceber como seria o meu exercício profissional, como é que a Psicologia na prática se dá, então minha expectativa era essa.” (Discente B)

“Estágios é...muito superficialmente o que eu acho, estágio é a oportunidade de colocar em prática algo da sua formação, de levar pra experiência prática aquilo que você conheceu na teoria.” (Discente B)

O discente C relata a importância dos estágios para a geração e desenvolvimento de valores e comportamentos exigidos no âmbito profissional:

“...da responsabilidade com o horário, com prazo, é fundamental e o estágio dá isso porque se você não tiver alí inteira a pessoa vai notar e principalmente a criança. A criança nota, a criança sabe, tem isso também de deixar os problemas em casa e chegar lá bem, e tranquila pra lidar com aquela pessoa que tá precisando de você da melhor possível” (Discente C)

“Estágio pra mim é esse período de provação mesmo (risos). De você provar e experimentar, experienciar as coisas os campos que podem ter dentro da sua profissão que você pode caminhar, que você pode seguir e partindo daí fazer um escolha lá na frente né, e as vezes também nem fazer essa escolha, ficar perdido também eu acho que é isso aí, um período de testagem, se dá o direito de sofrer, de se...e ficar será que é isso mesmo? Se você uma vez formado e uma vez querendo realmente atuar no campo, enfim as dúvidas vão existir também, não é que não tenham que existir mas é que a gente precisa tá minimamente preparado e o estágio fornece isso.” (Discente C)

“...desafiadores eu acho que é lidar com as pessoas mesmo, porque do mesmo jeito que você pode não tá bem num dia o seu cliente, paciente pode não tá no outro e aí você tem que buscar alí, tirar leite de pedra pra fazer o melhor trabalho que pode ser feito naquele dia, eu acho isso desafiador visto que a gente tá lidando com seres humanos. Eu acho desafiador o olhar do professor também, que tá alí numa posição hierárquica de privilégio né e é complicado porque as vezes o professor pensa...as vezes eu acho que eles pensam tipo, essa não tá dando certo não e não tem nada que você faça aqui vá pra frente, sabe! Tem dias que o trabalho empaca mesmo. E tem potencializador eu acho que também o fato de lidar com gente que pode surgir nesse processo um monte de coisa bacana que pode ser trabalhado então eu acho que é isso assim. Esse lidar com as pessoas tem esses dois lados assim que são realmente dicotômicos mas que também se complementam.” (Discente C)

“Pra mim foi fundamental, como você tava conversando antes até da entrevista iniciar foi um divisor de água pra eu escolher meu campo de atuação. Eu fiz estágios em várias áreas, fiz na pediatria, fiz na UTI, sempre na área hospitalar. Fiz também área de organização do trabalho aí eu vi que realmente eu não gostava. Aí eu fui fazer no laboratório de Neurologia do Comportamento dentro do Hospital Universitário e foi aí que eu realmente me decidi por me especializar na área de neuro. Então estágio pra mim foi importantíssimo!” (Docente A)

“Já o que eu observo nos alunos, que eles levam eu acho que é muito em relação a conduta dessa figura do orientador ou supervisor na

condução dos casos clínicos, porque uma coisa é você tá tendo acesso a teoria, dentro da sala de aula, aprender o que tá sendo dito, outra coisa é como você faz quando tá com o paciente na sua frente então na psicologia especificamente a gente lida muito com dilemas éticos não é, a gente tem o nosso código de ética do CFP, mas tem horas que isso se esbarra no que a gente acredita como pessoa, então a gente tem que ver muito isso e eu acho que o estudante se espelha muito na conduta do orientador ou do supervisor.” (Docente A)

As narrativas nos mostram de que forma se dá a construção da identidade profissional dos estudantes a partir dos quatro movimentos para construção identitária. Os estagiários iniciam suas atividades em um grupo socialmente estabelecido que é o local de estágio com todos os seus problemas e modos de se fazer e quando entram nesse mundo aprendem um novo modo de observar a realidade. Eles se posicionam com base nas suas relações sociais e a forma como elas interferem na expressão identitária das pessoas.

“E específico na neuropsicologia a gente tem muito essa questão por laudos, sobretudo de interdição pra poder pegar o benefício do paciente ou você alterar um escore num teste, você muda a categoria neurológica do paciente e aí ele consegue a medicação gratuita pelo SUS ou não. Então são alguns dilemas que eu acho que o estudante vai levar muito pra vida profissional, independente da área que ele vai seguir.” (Docente A)

“...estágio junto com a monografia que é o TCC são as duas partes fundamentais do desfecho de um processo de construção da graduação. No estágio é que o aluno vai ter a oportunidade de colocar em prática aquilo que ele vivenciou teoricamente e inclusive pra questionar o que ele viu teoricamente. Porque nem tudo que você estuda teoricamente você vê na prática, na aplicação. Então eu acho que é o momento que ele tem contato com a vida real, então eu acho que é importantíssimo. É crucial!” (Docente A)

“...a questão dos alunos entenderem até onde podia ir o limite de atuação deles, isso eu via muito nos alunos de saber fazer uma intervenção na hora certa, ou de ficar com aquele problema que o paciente trouxe e ficar remoendo, remoendo aquilo e não conseguir passar adiante, então eu acho que passa muito por uma questão de lidar também com o preparo do aluno perante as questões que convive os pacientes. Eu acho que esse é um desafio gigante pra a gente da Psicologia.” (Docente A)

“Estágio é um momento que o aluno vai experienciar a vida profissional, ele vai lidar de maneira mais profissional, porque até então ele tá aprendendo coisas para ser um profissional. Agora ele vai usar todo esse conteúdo que foi aprendido e colocar em prática, sozinho. Então assim, é um período de vivência que os alunos vão testar esse conhecimento profissional, mas que ainda é um momento que ele pode errar, ele ainda está aprendendo, ainda é um processo de aprendizagem não é! Eu fico muito preocupada com aqueles professores que acham que no estágio o aluno não pode errar, o aluno tem que fazer assim e assado, não; o estágio ainda é um processo formativo, é um processo de aprendizagem, ainda é um modo profissional. Eu por exemplo, digo pras minhas alunas, eu não quero

que vocês sejam uma “professora K” não, eu não quero que vocês sigam o meu estilo, eu quero que vocês encontrem o de vocês; porque cada uma tem o seu modo, vai buscar o seu estilo de lidar, sua forma de conduzir todo o processo e tal, mas buscando dentro de si o conhecimento, buscando dentro de si quem é né, pra ter o seu estilo, mas com o conhecimento e as questões éticas que perpassam por ali. Então, eu acho que é um momento muito bonito, onde o profissional se descobre psicólogo ou não porque é um processo, como processo formativo isso vai dar a ele uma identificação ou não com esse momento, com essa profissão, com esse fazer Psicólogo naquele contexto e que vai trazer pra ele certamente muitos ganhos, ele se descobre profissional naquele contexto ali ou se descobre não sendo aquilo que ele quer fazer naquele contexto. (Docente D)

Os estagiários seguem ainda para os outros dois movimentos de construção identitária: a orquestração de vozes em que podemos observar as ideias e influências de outras pessoas com que ele interage e a construção de novos mundos que vai orientar o estudante para a vivência das identidades e práticas da atividade constituindo-se em novas maneiras de ser. Ou seja, tudo o que acontece no estágio servirá de referência para que o discente se forme enquanto profissional.

Então eu acho que é o momento que o aluno vai ter uma tomada de decisão a partir dessa experiência que é uma experiência longa, a gente passa um ano nesse mesmo contexto, tratando das mesmas coisas, então eu acho que é uma coisa que o aluno vai mesmo amadurecer tudo aquilo que ele fez, vai se reconhecer como profissional, vai buscar o seu estilo, vai se descobrir um profissional ali.” (Docente D)

A fala da docente D nos mostra ainda que as atividades de estágio proporcionam o descobrimento ou fortalecimento de referenciais norteadores do currículo, da formação e da qualificação do estudante, exercendo valores pautados na ética profissional e critérios necessários para o exercício profissional.

5.7 O IMPACTO DOS ESTÁGIOS NA SOCIEDADE

Os estágios levam para a sociedade o resultado do que é aprendido na Universidade e os serviços que serão prestados, além de tensionar as práticas exercidas e provocar mudanças nos processos e ambiente profissional.

“O meu Estágio Supervisionado é na “Instituição B” a proposta é começar na “Instituição B” que foi o que aconteceu, não ficar somente na “Instituição B”, mas fazer a rede de atenção básica a saúde

funcionar então eu não estou mais somente na “Instituição B”, eu já estou na “Instituição C” do bairro da pessoa que eu estou acompanhando e aí a gente tá em movimento. No meu caso eu tô mais fora da “Instituição B” do que dentro nesse sentido. A proposta do Estágio no caso é construir um PTS que é Projeto Terapêutico Singular, esse projeto é baseado nas necessidades do usuário, do que ele necessita, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito socioeconômico enfim em tudo, é pensar o indivíduo na sua totalidade na sua integralidade, porque muitas vezes a pessoa que é usuária da “Instituição B” é como se os outros serviços de saúde não se responsabilizassem por aquele indivíduo achando que por ele ter alguma questão em saúde mental ele somente pode ser cuidado na “Instituição B” e não é. A gente tá tentando fazer com que essa rede funcione no sentido de que todos precisam se co-responsabilizar por essa pessoa” (Discente A)

“...o meu estágio atual é na “Instituição B” com a construção do PTS que é o Projeto Terapêutico Singular visando pensar o sujeito na sua integralidade, em tudo que lhe envolve, a sua família, o seu território, aonde você mora, a sua comunidade, a Unidade de Saúde do seu Bairro, enfim né tudo que envolve aquele sujeito e pensar na autonomia dele. Eu não vou construir um projeto sozinha, pelo contrário, o Projeto Terapêutico é construído com a equipe multiprofissional e com o usuário, ele tem que falar o que é que ele precisa, o que é que ele necessita, o que é que ele sente, qual é a sua subjetividade, precisa ser levado em conta e principalmente visando essa autonomia do sujeito pra que ele, mesmo quando acabe o meu estágio ele consiga sustentar tudo que nós pensamos pra ele.” (Discente A)

“Pra mim é experiência, vivências que vão direcionar a sua postura profissional lá fora porque as vezes a gente estuda coisas aqui dentro e quando a gente vai pra prática, a gente vê que não acontece, literalmente, ou as vezes não acontece mesmo, então, é pensar e assim tensionar mesmo, eu acho que os estagiários em qualquer lugar eles acabam tensionando a prática dos profissionais que já estão lá, e eu acho que eles não gostam muito da nossa presença por causa disso.” (Discente A)

Influenciar diretamente no comportamento profissional das pessoas e levar um paciente a desenvolver sua autonomia enquanto cidadão são exemplos de pontos positivos dos estágios para sociedade.

“...as vezes as pessoas acham que é simples mas não é, porque enquanto a gente tá lá a gente tensiona muito as práticas que ocorrem lá... a gente também questiona algumas posturas, algumas questões, eu tô falando em relação aonde eu estou né, do lugar que eu estou, então, é esse movimento de ir e vir o tempo todo de você pensar em fazer alguma coisa e depois você repensar, falar não peraí vamos fazer de outro jeito e tal. Então o estágio é bem isso!” (Discente A)

“...eu trabalhei com atendimento em grupo com um grupo de técnicos administrativos e no Supervisionado “X” eu trabalhei com um grupo de estudantes do “local X”, com uma temática específica, tudo com trabalho em grupo.” (Discente B)

“No meu Estágio “X” foi assim, a gente teve uma longa carga horária teórica pra entender como a gente ia operar com aquelas crianças né

e aí depois a parte prática... atividades que eu desenvolvi né?.. aí no caso do estágio “X” que eu fiz escola ensinar as crianças a correspondência gráfica-fonema, o objetivo maior era esse! O mínimo que a gente conseguia era fazer com que ela lesse, tivesse um corpo maior de palavras, tipo tinha crianças de 10 a 11 anos que ainda não sabiam ler por causa desse método global implementado aí no país todo que acabou com o “be-a-bá” que é antigo, que é tradicional mas que funciona e que funcionava e assim, a minha proposta, da minha professora é do método fônico, outra abordagem, baseada no behaviorismo né, no modo de operar do behaviorismo. Que é do reforçamento positivo e tal. E a gente via realmente os ganhos né, e as crianças querendo aprender e querendo mostrar pra a gente que conseguiam né!” (Discente C)

“A gente faz um estudo bem aprofundado porque assim, aqui na graduação aqui da UFRB nós temos uma única disciplina de “Estágio X”, então é muito raso, é um conhecimento bem geralzão. A gente tá fazendo um grupo de estudo bem forte, estudando bastante, tanto a parte de instrumentos quanto a parte teórica das psicopatologias...” (Docente A)

“A gente tá estudando e aí qual que é a outra parte? Depois desse processo de estudo cada estagiário vai ser responsável por fazer um processo completo de “X” que seria avaliação “X” inicial, delinear um programa de reabilitação e depois fazer a nova reavaliação pra poder medir não é, o antes e o depois desse paciente, depois desse processo de reabilitação.” (Docente A)

“...o estágio é importante pra todo mundo porque é a oportunidade que a instituição tem de também mostrar pra população os serviços que ela tá prestando, os profissionais que ela tá produzindo a organização técnica dela, então na verdade é a cara da Universidade, o que vai aparecer lá fora, é o serviço dos estagiários.” (Docente A)

“Porque ele precisa se reconhecer capaz, ele precisa melhorar essa autoestima, ele precisa mudar esse conceito, esse auto conceito. Só a partir disso é que ele vai poder mudar nas relações, porque não vai adiantar você pode fazer 10 anos de terapia com ele, se ele não for ensinado a ler, a escrever, que é o cerne da questão, nada na vida dele vai mudar, tende a piorar. Então, eu entendo isso como um processo que faz parte da terapia.” (Docente A)

A atuação dos estagiários tem contribuído para a mudança de vida de muitas pessoas e o que a Universidade oferece para a sociedade é algo significativo e transformador.

5.8 AS IMPLICAÇÕES E MOTIVAÇÕES ENTRE/DOS ATORES PARTICIPANTES DESSA FORMAÇÃO

As entrevistas realizadas com os discentes e docentes do curso de Psicologia da UFRB, auxiliaram na observação da compreensão desses atores

acadêmicos quanto a sua autonomia em relação ao campo de atuação profissional e ao significado social, cultural e humano da formação em curso.

“O meu supervisor todos que eu tive né, eles deram um embasamento teórico muito bom pra que a gente exercesse a prática e eles conseguiram nos orientar da melhor maneira possível, pelo menos eu enxergo assim. Então, quando você tem um supervisor que qualquer coisa você fala com ele, ele lhe responde, ele lhe dá um apoio, ele lhe diz “Não, faz assim, não faz por esse caminho não, é melhor você seguir esse caminho. Vamos repensar essa prática” eu acho que essa supervisão é a que funciona, da gente trazer a prática pra supervisão e o professor supervisor ele indicar qual é a melhor forma da gente continuar o caminhar, a trajetória. Então, eu gosto muito não tenho do que reclamar.” (Discente A)

A disponibilidade de tempo e engajamento na formação do estagiário é um diferencial na vida universitária:

“...meu supervisor ele dá todo suporte que a gente precisa, inclusive domingo, sábado, feriado o que tiver, ele normalmente responde a gente, se a gente precisar de alguma coisa, ele normalmente nos responde então, eu não tenho o que falar ele dá um suporte muito bom e as supervisões sempre acontecem, ele também deu todo o aparato teórico e discutiu e até hoje a gente continua discutindo e a gente acaba fazendo sempre uma correlação entre a prática e a teoria.” (Discente A)

Observa-se pouco engajamento por parte dos supervisores e um dos fatores limitantes pode ser o fato de que há uma diferença entre supervisionar estagiários de Universidades Públicas e estagiários de Universidades particulares quando se trata da área de saúde. As instituições particulares pagam aos trabalhadores para que exerçam essa função e os consideram tutores, oferecendo também um certificado que pode servir para eles como experiências em processos seletivos para cursos e de emprego. Já nas públicas não há previsão orçamentária para oferecer o mesmo benefício, gerando desta forma, muitas vezes, um prejuízo para os alunos da UFRB na supervisão.

“No início sim, a gente tava nem próximo do Psicólogo, a gente se aproximou muito também da enfermeira que é muito implicada nas questões de lá do “local X”, tem um professor daqui da UFRB que é o professor “X”, ele é “X”, ele atende lá também, então a gente tem tentado fazer uma relação porque ele é um professor muito aberto, ele foge um pouco desse modelo biomédico fechadinho então a gente discute alguns casos, os internos de medicina também, então acaba sendo multiprofissional nesse sentido, pelo menos na parte dos estudantes sim.” (Discente A)

“Essa questão de ter que dar o feedback de ter que dar a resposta e tal é, e o professor e o supervisor incita a isso mesmo, e tá lhe cobrando

e o papel é esse né, tá fazendo mas tá testando? Tá vendo se tá dando certo? É esse caminho mesmo? Ou vamos seguir por outro? Vamos sentar, vamos conversar, vamos dialogar sobre isso enfim, bacana!” (Discente C)

“...então acho que tem dois papéis assim, tanto do meu desejo de querer multiplicar esse conhecimento de passar pra outros alunos, como também de começar a criar a cultura dessa área aqui na região do recôncavo. Das pessoas conhecerem essa área, entender quando que deve encaminhar pra essa área, como é que é o tratamento, então tem essas duas motivações” (Docente A)

“Eu acho que é muito a gente conversando e eu sempre levo pra eles casos que aconteceram comigo, na minha vivência de consultório, na minha vivência de supervisão anterior aqui, vivência hospitalar então sempre tento trazer pra eles a partir de situações limites de como que a gente faz, como é que decide.” (Docente A)

“...um é porque como a gente tem dedicação exclusiva a gente sai da prática da Psicologia e eu acho que a prática é importante pra a gente ta renovando e o estágio dá essa possibilidade ao professor, porque você faz estágio você faz psicologia ou você clinica, você ta em campo por tabela, seu aluno ta lá, então você ta o tempo todo revendo literatura se atualizando e também em contato com a prática da psicologia isso também que é outro motivo fundamental. Outra que eu sou apaixonada por isso, adoro dar estágio eu acho que é um momento profissional do aluno que ele mais mostra a sua competência e você possibilita isso né, no contexto da ética profissional, da condução, da própria atuação então isso tudo são pra mim motivos fantásticos pra estagiar pra dar estágios eu adoro supervisionar estágios.” (Docente D)

“...até mesmo a questão do atendimento da própria enfermeira que tinha baixa intenção, ela não era muito motivada e com as nossas práticas, as nossas conversas, ela começou a ter um outro olhar sobre aquela situação, então isso repercutiu de maneira mais ampla.” (Docente B)

“...eu penso que todo o profissional acadêmico, docente tem que ter um pé na realidade, tem que ter um pouco do que tá acontecendo lá fora, e enquanto professora a gente fica muito alheio a realidade, a gente fica muito teórico, muito afastado, fica muito envolvido com os estudos da teoria principalmente nas áreas como a nossa, da Psicologia, que é uma coisa que tem muita teoria, muitos modos de se pensar o ser humano mas que se a gente não bota o pé na realidade termina ficando meio ET né, fora da realidade, um bicho esquizofrênico assim, perdido na realidade, então eu tenho muito essa necessidade de estar em atividade, até porque no processo de sala de aula eu me utilizo muito dessas experiências fora, pra dar exemplo pra os alunos de como é que acontece determinadas situações, a partir de situações que eu mesma vivi e posso usar isso como exemplo, não ficar só alí nos que estão citados na própria literatura. E outra é que na minha pessoa eu sou muito dinâmica e acho que a Universidade tem que mostrar seu serviço lá fora né, então eu estou sempre atrás de atividades e como eu digo aos alunos “botar o pé na lama” mesmo entendeu, enfrentar a realidade e mostrar que nós vivemos em uma sociedade muito carente de muitas coisas e a gente não pode se dar ao luxo de se trancar em sala de aula e esquecer que o mundo lá fora existe. Então essas duas coisas sempre me estimularam a sair da

Universidade e ver a realidade e querer que os alunos também se apropriem dela.” (Docente B)

“...desafiadores é o processo motivacional, o aluno entra no estágio pra cumprir tarefa, é uma disciplina como outra qualquer, com uma carga horária alta e as vezes você tira o aluno da letargia do espaço físico; ele tá entrando todo dia no mesmo horário, na mesma cidade, vai pra o mesmo lugar, aí de repente eu tô mandando ele lá pra o bairro “X” que ele tem que cruzar a cidade pegar transporte, lá tem histórico de criminalidade, e você fazer ele vestir camisa, se motivar e tal, então você também tem que tá motivada, você tem que acreditar na sua proposta pra que ele...e aqui não sei se é se essa nova geração, essa nova geração ela é muito mais, eu sinto ela um pouco mais apática não é?” (Docente B)

“Eu sempre tento ver com o estágio pelo menos do meu ponto de vista, sempre é, do ponto de vista que é a vista de um ponto como é que eu posso facilitar e fazer com que esse aluno tenha uma vivência mais completa, mais interessante, no campo.” (Docente C)

“...eu acho que é incomodar para mudar pra que saia a instituição e os trabalhadores da sua zona de conforto e da sua mediocridade que as vezes o profissional sabe o que ele tem que fazer, mas ele não quer fazer por preguiça ou por não ver a necessidade da mudança dessa prática entendeu?” (Docente C)

“A devolutiva eu faço sempre pra eles, dialogando vendo o que é que a gente tá acertando, o que é que a gente tá errando entendeu. Mas, também as vezes tem que ter disposição do outro em conversar e nem sempre isso acontece sabe, as vezes o outro se coloca assim, aqui é o campo de vocês e tal pode vim mas se virem.” (Docente C)

“...eu já tentei fazer, na época do estágio básico eu tentei me articular ali com as Psicólogas que trabalhavam no “local X”, mas o perfil era terrível. Não dava pra trabalhar, e aí assim, eu não ia deixar de fazer o trabalho porque não tinha uma preceptoria em campo entendeu?” (Docente C)

“...é uma questão de conscientização. Eu acho que não deveria de fato o profissional ser motivado pelo dinheiro, para se implicar, a implicação é pelo próprio trabalho, é a natureza do trabalho, é a motivação por ela própria entendeu?” (Docente C)

“...acho que a falta de implicação pra mim é...sabe você pode falar em dinheiro em falta de estrutura, mas tem um elemento aí que é cultural, é do trabalhador, a falta de motivação para, independentemente de não ter dinheiro, de não ter carro, de não ter material, de não ter nada eu posso fazer muita coisa, tá entendendo, é isso que eu vejo, falta sague no olho, vontade do trabalhador” (Docente C)

“Mais com trabalhadores, menos com os usuários porque senão acaba comprometendo os estagiários mas se aproxima de uma prática profissional. Eu tenho escolhido formas de estar perto da atuação profissional e estágio foi uma dessas formas.” (Docente C)

Todos os docentes estão satisfeitos com a orientação dada aos seus alunos e ressaltam que suas principais motivações para se manterem engajados como professores de estágio é o fato de gostarem de trabalhar com a inserção

do estudante no mundo do trabalho pois eles também acabam se atualizando das novas práticas profissionais e das novas demandas já que na Universidade são professores com Dedicção Exclusiva não podendo exercer outro tipo de atividade laboral.

“E a gente fez isso durante dois anos, eu acho que acompanhamos em média umas quinhentas crianças, foi um estudo bem interessante e nesse processo, eu particularmente, aprendi a lidar muito com as pessoas que vinham as vezes, porque a gente nunca faz exatamente só o que tem que fazer, então desenvolvemos algumas estratégias de lidar com algumas dificuldades que as mães traziam sobre o cuidado com o bebê, ... teve um ou outro caso que a gente teve que fazer visita domiciliar porque constatou algum comprometimento no bebê então ia na casa pra ver o que tava acontecendo pra orientar, então terminou ampliando muito o arsenal de intervenção que nós tínhamos.” (Docente A)

Tem sido bem proveitosa, enriquecedora, porque até o sexto semestre que é quando a gente ainda não entrou em contato com nada prático na Universidade, na Psicologia a gente fica assim meio solto né e quando você começa a estudar e começa a ir pra prática e aquilo vai fazendo todo o sentido é muito mais interessante né?! Eu já fiz o BI que é o Bacharelado Interdisciplinar em Saúde, eu venho do BI e o BI tinha uma carga horária prática muito alta então eu desde o primeiro semestre do BI eu já participava do PAR que é Processo de Apropriação da Realidade que é um componente enorme no BI e de prática universitária na comunidade e eu senti muita falta disso em Psicologia realmente achei que a parte de estágios é meio curta e não dá conta do tanto de coisa que a gente pode entrar em contato na Universidade nessa parte prática. (Discente A)

A prática dos estágios proporciona aos estudantes a inserção no mundo do trabalho, oportuniza o desenvolvimento das habilidades e técnicas que ensinadas ao longo do curso através dos livros e do compartilhamento de casos de pacientes levam os estudantes a ampliarem sua visão em relação à sociedade e a perceberem o outro e a realidade em que vivem a partir de um olhar crítico, proporcionando exemplos para reflexão e inflexão de comportamentos profissionais.

“...até mesmo a questão do atendimento da própria enfermeira que tinha baixa intenção, ela não era muito motivada e com as nossas práticas, as nossas conversas, ela começou a ter um outro olhar sobre aquela situação, então isso repercutiu de maneira mais ampla...” (Docente A)

As três estudantes entrevistadas informaram satisfação em relação a orientação de estágios oferecida pelos docentes.

A orientação de estágios ser considerada satisfatória pelos atores/autores participantes desta pesquisa é um ponto considerado positivo para o curso de Psicologia, já que traz o reconhecimento dos esforços e trabalhos empenhados pelos professores orientadores das atividades de estágios sem impedir a reflexão sobre possibilidades e auto avaliação dos seus trabalhos e evolução de iniciativas inovadoras na forma de conduzir os estágios junto aos estudantes.

CONSIDERAÇÕES

Durante a evolução do processo de pesquisar, passei por um longo processo de transformação que me fizeram realizar muitas mudanças na trajetória da minha pesquisa. Experimentei uma desconstrução e reconstrução da minha identidade pessoal, profissional e acadêmica. Despertei um outro olhar para as atividades que desenvolvo na UFRB enquanto servidora, fortaleci a importância que dou para o que faço e o quanto cada experiência pode ser profundamente transformadora na vida de uma pessoa.

A escuta de cada fala e a compreensão das experiências estiveram presentes durante as entrevistas e proporcionaram muitas reflexões, possibilitaram transformações/formações sobre mim mesma em função de uma relação com a realidade que vivo e com a ajuda do outro que estava a escuta. Observar de dentro as atividades de estágio, como um todo integrado ao mundo real, perceber os sujeitos da pesquisa enquanto atores sociais, culturais, produtores de sentidos e significados me levou a confirmar que a experiência permite que se pense e reflita indo muito além da vivência.

Apesar de se tratar de um estudo de caso do curso de Psicologia, ao considerar as experiências dos participantes este estudo trouxe para o eixo da discussão as implicações e compreensões da temática estágio e sua importância para a formação profissional dos professores, dos estudantes e para a sociedade.

As relações experienciadas em um contexto desafiador como mostram os resultados, diante da realidade da profissão do Psicólogo exercida principalmente no SUS, na Educação Pública, Instituições Não Governamentais, Associações e outros, que é aonde os estágios acontecem trouxeram uma exposição do cenário encontrado pelos discentes nos campos de estágio.

Considerando este contexto e a proposta de conhecer e compreender as experiências dos atores desta formação o eixo principal desta pesquisa foi subdividido em três questões principais: Quais são os referenciais teóricos que fundamentam a formação profissional, o currículo e os estágios? Como acontecem os estágios na UFRB e no curso de Psicologia? Como se dá a

compreensão e as implicações dos atores/autores nos processos formativos e operacionais dos estágios na graduação?

A primeira questão foi abordada nos três primeiros capítulos da dissertação que buscaram sistematizar os referenciais teóricos que fundamentam os aspectos influenciadores na criação de políticas institucionais e a construção da identidade profissional dos discentes. A segunda questão foi tratada no quarto capítulo quando se abordou a metodologia e caracterizou o campo empírico enquanto lugar de acolhimento e promoção de diversas experiências, descrevendo a gestão de estágios na UFRB e operacionalização dos estágios no Centro de Ciências da Saúde e no curso de Psicologia. A terceira questão que foi abordada no quinto capítulo e buscou através das narrativas, estabelecer relações entre as intenções e as práticas de estágios em campo, como se constituía a construção identitária profissional dos educandos do curso de Psicologia da UFRB, como ele é compreendido pelos professores e estudantes do curso e os benefícios que tais atividades geram para a sociedade. A compreensão das experiências dos participantes foi possível através da análise de suas compreensões sobre os estágios e suas implicações sobre os processos de gestão, formação e currículo do curso de Psicologia.

O desconhecimento da Lei de Estágios foi detectado e talvez, por este motivo muitos professores não consigam cumprir os prazos dos procedimentos internos e estudantes não compreendam a importância dos documentos envolvidos na operacionalização de tais atividades. Talvez um curso a distância promovido junto a Superintendência de Educação a Distância (SEAD) mude esse cenário, proporcionando o acesso a essas informações para toda a comunidade acadêmica.

Analisei e compreendi sob o rigor etno-metodológico o processo de construção das narrativas e foi possível perceber as mudanças sociais que os estágios provocam em todos os lugares que eles são realizados e nos indivíduos que participam desse processo. Foi possível identificar fatores que prejudicam a realização dos estágios e outros que motivam e fortalecem a prática.

Observei que a política nacional e institucional de estágios não é viável no que tange ao atendimento total a Lei 11.788/2008 pois contexto social apresenta desafios que vão desde a falta de profissionais para supervisionar as atividades de estágios a infraestrutura precária em toda a rede pública de saúde

e educação. Também não é possível desenvolver atividades de pesquisa enquanto estágios pois não existe esta previsão no projeto pedagógico do curso de Psicologia e é possível afirmar após este estudo que esta possibilidade oportunizaria aos estudantes e professores um quantitativo muito maior de projetos viabilizando atividades de estágio em diferentes campos de atuação.

É necessário ainda problematizar a estrutura organizacional, os fluxos e todos os procedimentos que atualmente burocratizam em excesso todo o processo de estágios. Seria possível sintetizar a documentação e os critérios para a realização dos estágios fora da Universidade? O que o governo brasileiro pode fazer para garantir que as Instituições de Ensino consigam cumprir a Lei de Estágios?

Com essas indagações e considerações decorrentes de todo o processo de pesquisa e envolvimento com a UFRB e todos os pares que contribuíram de alguma forma direta ou indiretamente para a conclusão deste trabalho registro aqui o quão importante é que estejamos engajados com aquilo que nos propomos a fazer enquanto estudantes, docentes e promotores de uma educação pública de qualidade, proporcionada através de uma formação que não só acontece através das atividades de estágio, as quais foram objetos desta análise, mas também através de todo o processo educacional do indivíduo tornando-os cidadãos e profissionais conscientes e capazes de intervir na nossa sociedade e proporcionar mudanças para melhoria e qualidade de vida a todos os cidadãos.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. **Abordagem transversal: a escuta sensível em ciências humanas**. Textos escolhidos. (Trad. Rogério de Andrade Córdova, do original “L`aproche transversale: l`ecoute sensible em sciences humaines”). Paris: Anthropos, 1997.

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho** - Decreto Lei 5.452/43.

_____. **Decreto nº 66.546**, de 11 de Maio de 1970.

_____. **Decreto nº 75.778**, de 26 de Maio de 1975.

_____. **Decreto nº 87.497**, de 18 de Agosto de 1982.

_____. **Decreto-Lei nº. 4.073** – de 30 de Janeiro de 1942.

_____. **Lei 11.151**, de 29 de julho de 2005.

_____. **Lei 11.788** de 23 de Setembro de 2008.

_____. **Lei nº 4.024**, de 20 de Dezembro de 1961.

_____. **Lei nº 5.692**, de 11 de Agosto de 1971.

_____. **Lei nº 6.494**, de 7 de Dezembro de 1977.

_____. **Lei nº 8.859** de 23 de março de 1994.

_____. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Portaria Nº 1002**, de 29 de setembro de 1967, do Ministério do Trabalho e Previdência Social.

_____. **Projeto de Lei nº 867 de 2015**, Câmara dos Deputados.

BURIOLO, Marta A. Feiten. **O Estágio Supervisionado**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

FERREIRA, Aurélio, Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HOLLAND, Dorothy; LACHICOTTE JR., William; SKINNER, Debra; CAIN, Carole. **Identity and agency in cultural worlds**. Cambridge, Mass: Harvard University Press. 1998.

LIMA, Bianca Caroline S. de. Os estágios na graduação: Aspectos legais e institucionais para implantação de uma política. In: **CONGRESSO IBERO-**

AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 6, 2018, Lleida. Anais... Recife: ANPAE, 2018. p. 490 - 494

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas: Mercado de Letras: 2015.

MACEDO, Roberto Sidnei. Atos de Currículo e formação: O príncipe provocado. **Revista Teias**, vol. 13, n. 27, Rio de Janeiro, jan./abr. 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Currículo: Campo, conceito e pesquisa**. 6ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. O itinerário investigativo: a etnopesquisa crítica / formação. **Práxis Educacional**, v. 11, n. 20, p. 311-332, set./ dez. 2013a.

MACEDO, Roberto Sidnei. Atos de Currículos: Uma incessante atividade etnometódica e fonte de análise de práticas curriculares. **Currículo sem Fronteiras**, v.13, n. 3, p. 427 a 435, set./ dez. 2013b.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a experiência compreender/mediar saberes experienciais**. 1.ed. Curitiba, PR. CRV, 2015.

MARTINS, João Batista. Contribuições epistemológicas da abordagem multirreferencial para a compreensão dos fenômenos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 26, Maio/Agosto 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000200007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 23 dez. 2018.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. 6ª ed. São Paulo, Cortez, 2011.

SACRAMENTO, Maria da Conceição Alves Ferreira do. **Docência on line: rupturas e possibilidades para a prática educativa**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2006. Orientador: Jacques Jules Sonnevile.

SILVA, Juremir Machado da. Os (des)caminhos do método: uma nova reflexão sobre a finalidade dos meios. **Aprender – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Ano 3, n. 5. Vitória da Conquista, 2005.

TAPIAS-OLIVEIRA, Eveline Mattos. Construção da identidade profissional de professores na universidade: aprendendo a partir de sua prática diarista. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, vol. 31, no.1, São Paulo, jan./jun. 2015.

UFRB. **PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional**, 2010 – 2014.

_____. **Planejamento Estratégico - PROGRAD/UFRB**. 2011 - 2015.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso de Psicologia**, 11 de agosto de 2014.

_____. **Resolução CONAC nº 38**, de 13 de Dezembro de 2011.

_____. **Relatório de Gestão – DICA/CCS/UFRB**. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ESTUDANTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
 INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTE E CULTURA (IHAC)
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM ESTUDOS
 INTERDISCIPLINARES SOBRE A UNIVERSIDADE (PPGEISU)

Pesquisadora: Bianca Caroline Souza de Lima
 Orientador: Cláudio Orlando Costa do Nascimento

Nome:

Ano de ingresso na UFRB:

Qual componente de estágio se encontra:

1. Como tem sido sua experiência nos estágios obrigatórios?
2. Quais foram as motivações para ingressar no curso de Psicologia?
3. Conte um pouco da sua trajetória na UFRB.
4. Quais foram as suas principais expectativas para a realização do estágio obrigatório?
5. Quais atividades você desenvolve no estágio?
6. O que você acha da organização interna (execução, avaliação e gestão) dos estágios na UFRB?
7. Você consegue identificar através dos estágios princípios que podem ajudar a melhorar o currículo do curso de Psicologia? Quais? (**Pergunta auxiliar**)
8. Você consegue identificar através dos estágios princípios influenciadores para sua formação em Psicologia? Quais? (**Pergunta auxiliar**)
9. O que você entende por Estágios?
10. Quais aspectos considera desafiadores e potencializadores nos estágios? (**Pergunta auxiliar**)
11. O que você mudaria nos estágios?
12. Como é a relação entre os orientadores, os supervisores e os estudantes nos estágios?
13. Você conhece a Lei de Estágio?
14. Qual a sua opinião em relação a política institucional de estágios?
15. Como você acha que devem se dar a orientação e a supervisão dos estágios?
16. Como você acha que a UFRB pode contribuir para que os estágios no curso de Psicologia alcancem seus objetivos?
17. Você está satisfeita(o) com a orientação/supervisão de estágios dada a você?

Perguntas auxiliares:

7. Você consegue identificar nos estágios elementos que servem de base para o currículo?
7. O que você consegue identificar através dos estágios que poderia melhorar o currículo do curso?
8. Você consegue identificar nos estágios elementos que servem de base para sua formação?
10. O que você vê de desafiador e potencializador nos estágios?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DOCENTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTE E CULTURA (IHAC)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTU SENSU EM ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES SOBRE A UNIVERSIDADE (PPGEISU)

Pesquisador: Bianca Caroline Souza de Lima
Orientador: Cláudio Orlando Costa do Nascimento

Nome:

Tempo de atuação como orientador de estágio:

Tempo de atuação como professor(a) da UFRB:

1. Como foi sua experiência com os estágios na sua graduação?
2. Quais as principais motivações para a atuação como orientador de estágios?
3. Quais atividades desenvolve enquanto orientador de estágios?
4. O que você acha da organização interna (execução, avaliação e gestão) dos estágios?
5. Quais referenciais você reconhece na prática dos estágios que podem servir de base para melhorar o currículo e a formação do estudante?
6. De que forma esses referenciais se apresentam na orientação dos estágios?
7. O que é estágio na sua opinião?
8. Quais aspectos considera desafiadores e potencializadores nos estágios?
9. O que você mudaria nos estágios do curso de Psicologia da UFRB?
10. Como se dá a relação entre os orientadores, os supervisores e os estudantes nos estágios, lembrando que de acordo com a Lei de Estágios, o orientador é o professor de estágios e o supervisor, o profissional que supervisiona as atividades dos estudantes no campo de estágio?
11. Você conhece a Lei de Estágios? Se sim, qual sua opinião em relação a ela?
12. Como seria, na sua opinião a orientação e a supervisão ideal dos estágios?
13. Como você acha que a UFRB pode contribuir para que os estágios no curso de Psicologia alcancem seus objetivos?
14. Você está satisfeita(o) com sua orientação de estágio dada aos estudantes?

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Uma Política de Estágio pode formar o estudante para o êxito acadêmico no campo do trabalho? Um estudo sobre a gestão de ensino na UFRB”, desenvolvida por Bianca Caroline Souza de Lima, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades Artes e Ciências – Professor Milton Santos (IHAC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), sob orientação do Professor Cláudio Orlando Costa do Nascimento. Essas informações estão sendo fornecidas para sua participação voluntária neste estudo, cujo objetivo é contribuir para a análise do impacto da política nacional e institucional de estágios na formação dos estudantes do curso de Psicologia do Centro de Ciências de Saúde (CCS) – UFRB, descrever para compreender a concepção de estágio do curso, conhecer as experiências dos estudantes e professores no campo dos estágios, apontar referenciais através dos campos de estágio que possam integrar o currículo, a formação e a qualificação do estudante para atuar no mundo do trabalho. Os benefícios trazidos para o sujeito da pesquisa correspondem a contribuição para a ciência e produção de conhecimento sobre o tema estudado, além da reflexão sobre o seu processo de aprendizagem e implicações para a sua formação e profissionalização. Os resultados da pesquisa poderão contribuir para o arcabouço teórico-empírico da Educação e da formação de novos profissionais de Psicologia, no que se refere a melhor compreensão da concepção das atividades de estágio e suas implicações para a formação dos estudantes. Para a realização desta pesquisa o(a) Sr(a). responderá um roteiro de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas. Suas falas serão gravadas utilizando-se um gravador digital. Os arquivos digitais serão armazenados com a pesquisadora responsável para a etapa de análise de dados. As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e seu orientador. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por um período de 5 anos e após, serão excluídos permanentemente. O tempo previsto para a entrevista é de 40 minutos e caso sinta algum desconforto, ou fique cansado durante esta, poderá pedir a pesquisadora que interrompa a gravação e a reinicie quando se sentir confortável. Durante a entrevista, se o(a) Sr.(a) se sentir constrangido ou incomodado poderá solicitar que sua entrevista seja interrompida e se for de sua vontade, poderá retirar seu consentimento para participação na pesquisa. Os resultados da pesquisa serão divulgados em artigos científicos, na dissertação de mestrado e em resumos para publicação em eventos acadêmicos. O(A) Sr.(a) é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Não haverá identificação do sujeito da pesquisa, e os dados obtidos serão analisados de forma a garantir a confidencialidade dos participantes, desse modo, seu nome ou qualquer outro dado que possa, de alguma forma, lhe identificar, será mantido em sigilo. Em qualquer etapa do estudo, você terá acesso a pesquisadora responsável Bianca Caroline Souza de Lima, para esclarecimento de eventuais dúvidas e informações. A pesquisadora pode ser encontrada no IHAC – UFBA, localizada na Rua Barão de Jeremoabo, Pavilhão de Aulas V, Ondina, Salvador – BA, através do e-mail bia.carolinelima@outlook.com. Não há despesas pessoais e compensações financeiras para o participante em qualquer fase do estudo. A pesquisadora se compromete a utilizar o material coletado somente para esta pesquisa. O TCLE será confeccionado em duas vias, de igual teor, uma a ser entregue ao entrevistado e outra permanecerá com o pesquisador.

Eu, _____ discuti com a pesquisadora Bianca Caroline Souza de Lima sobre minha decisão em participar deste estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Foi esclarecido também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo. Santo Antonio de Jesus - BA, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador